

um corpo terrestre

1987 : 2025

um corpo terrestre

1987 : 2025

camila lombardi torres

tese de doutorado

um corpo terrestre

1987 : 2025

an earthly body / un cuerpo terrestre

1987 : 2025

programa de pós-graduação
em artes visuais

universidade de Brasília

linha de pesquisa
deslocamentos e espacialidades

orientação
profa. dra. Karina Dias

Camila Lombardi Torres
Brasília, 2025

resumo

Esta tese de doutorado investiga a ideia de corpo terrestre por meio da geopoética. Experimenta a caminhada, o pensamento tentacular e as artes de notar como dispositivos provocadores de uma escrita que entrelaça relatos de práticas poéticas, eventos auto-biográficos e anotações científicas. A pesquisa incorpora imagens autorais e de artistas em seis cadernos +1, compondo um percurso de leitura não linear, fragmentado e sensível. A formulação da tese tensiona dicotomias como visível/invisível, convexo/côncavo, exterior/interior. Aqui, a Terra é entendida como campo relacional e vivo, espaço de inscrição, coexistência e escuta.

palavras-chave

Corpo terrestre; Geopoética; Artes visuais; Natureza

abstract

This doctoral thesis investigates the idea of the terrestrial body through geopoetics. It experiments with walking, tentacular thinking, and the arts of noticing as devices that provoke a writing practice intertwining accounts of poetic practices, autobiographical events, and scientific notes. The research incorporates authorial and artistic images across six notebooks +1, composing a nonlinear, fragmented, and sensitive reading path. The thesis formulation challenges dichotomies such as visible/invisible, convex/concave, exterior/interior. Here, the Earth is understood as a relational and living field — a space of inscription, coexistence, and listening.

keywords

Earthly body; Geopoetics; Visual arts; Nature

resumen

Esta tesis doctoral investiga la idea de cuerpo terrestre a través de la geopoética. Experimenta la caminata, el pensamiento tentacular y las artes de notar como dispositivos que provocan una escritura que entrelaza relatos de prácticas poéticas, eventos autobiográficos y anotaciones científicas. La investigación incorpora imágenes autorales y de artistas en seis cuadernos +1, componiendo un recorrido de lectura no lineal, fragmentado y sensible. La formulación de la tesis tensiona dicotomías como visible/invisible, convexo/cóncavo, exterior/interior. Aquí, la Tierra se comprende como un campo relacional y vivo, un espacio de inscripción, coexistencia y escucha.

palabras clave

Cuerpo terrestre; Geopoética; Artes visuales; Naturaleza

Além deste volume em suas mãos, que introduz os fundamentos da formulação teórico-poética desta tese, este objeto editorial é composto por outros seis cadernos onde são apresentados exercícios sobre o habitar e perceber na Terra:

- » **guillain-barré**
- » **fitando pedras**
- » **ser selvagem**
- » **minhocas**
- » **horizontes subterrâneos**
- » **máquina do tempo da terra**

Um cartão amarelo, como este, acompanha cada caderno e expõe pistas sobre as origens de seus conteúdos.

abertura 13

percepção, escalas e distâncias de ser 18

rotundidade 33

cultura da permanência 38

modos de pensar e agir 45

afeto 56

sobre a escrita e as imagens 59

seis +1 67

referências 95

abertura

Ser terrena.

Se, eu sou o espaço onde estou¹, estando na Terra, sou a Terra. Sou “um corpo feito de planeta” — como anunciou Valdemar Vasconcelos² —, carrego em minha materialidade a possível lembrança de ter sido planta e a certeza de que serei fungo.

Esta tese é escrita como se escreve uma Terra possível. Um processo que não busca transcendência, mas que afirma a imanência de habitar este solo — este aqui, em tantos agoras — e de pensar junto ao corpo que se tem. Um corpo-terra.

Ser intrinsecamente a materialidade e a existência na Terra é compor uma escrita em órbita. A Terra é uma materialidade dotada de vida e dinamismo próprio, e a experiência de habitar este solo e pensar através do corpo reflete a relação íntima e primordial que define a condição terrestre. Escrevo sobre a geograficidade de Éric Dardel³.

1 Compreensão possível a partir de Bachelard em “A Poética do Espaço”.

2 Esta tese costura inúmeros diálogos e leituras, cita nomes de pessoas com quem estive ou de quem ouvi algo de encontro ao meu “estado de tese”. Valdemar Vasconcelos é uma dessas pessoas. Certamente um desconhecido para muitos, em outros terrenos referência sensível para se pensar e agir na vida.

3 Livro “O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica”, 2011.

Pensar através do corpo é, talvez, apresentar a existência do pensamento a partir de sua própria anatomia sensível. É movimentar questões que me acompanham: como pensar a partir do corpo que se tem?⁴ Como deixar-se atravessar pela condição de ser terrestre?

Estes cadernos formulam modos de habitar a borda do planeta Terra. Uma investigação que busca falar do que habita relevos e do que nos é intraterreno. Por ora, desconsidera aquilo que se projeta no além-Terra, como tentativas de vida em Marte. Tratar do habitar a Terra é “dizer *sim* àquele planeta que está aqui”, como ouvi da conversa entre Murilo Moscheta e Levi Orthof⁵.

Aqui, exercitamos formas-pensamento destinadas a este mundo e a todos os que o habitam: vivos e mortos, viajantes e errantes, como nos lembra Nastassja Martin⁶. Ser terrena é reconhecer-se em coexistência com todos os fenômenos e seres que compartilham este chão.

Ao longo do processo de escrita, emergem lampejos de uma duplicidade: a consciência de ser, simultaneamente, *locus* e espectadora da vida que se desenrola.

4 Nota a partir do diálogo entre Emanuelle Coccia e Adriana Calcanhotto durante a Flip – Feira de Literatura de Paraty, em 2021

5 Banca de defesa da tese “Geonauta” de Orthof, 2021.

6 Martin, 2022, p93

Henry David Thoreau⁷ fala dessa crítica silenciosa que nos acompanha como um olhar estrangeiro. Um olhar que não se confunde nem com o “eu” nem com o “outro”, mas que observa. Talvez esse estranhamento interno nos ensine a reconhecer o quanto somos matéria e mistério, íntimos e alheios à vida que habitamos. A duplicidade e o estranhamento interno podem ser vistos como elementos do processo de apreensão subjetiva de uma realidade geográfica⁸. Cultivo essa tese, então, como quem documenta a tríade abstração—corpo—Terra, personificando relações entre escritura, tempo e espaço.

“Quantas são as vezes em que o mundo, a Terra, verdadeiramente aparece para nós?” Lembrar que habitar a Terra é aceitar a incompletude — “A gente é incapaz de saber o que se pode saber para ser o que se pode ser”¹⁰ — e também é estar em processo contínuo de transformação, de deriva, de pertencimento.

7 Thoreau, 2018, p120

8 Dardel, 2014

9 Apenas a primeira de tantas perguntas espontâneas e afiadas de Karina Dias que seguem movimentando sinapses por aqui.

10 Fala de Guilherme Meyer, durante uma de suas aulas.

percepção, escalas e distâncias de ser

Perceber é abrir o corpo ao mundo. Um corpo senciente, tecido no próprio espaço que habita, em um entrelaçamento irrevogável junto a fenômenos que manifestam e que movem a matéria viva da Terra. Como nos aponta Maurice Merleau-Ponty, nossa percepção do mundo é, ao mesmo tempo, a percepção de nós mesmos¹¹ – novamente, somos o espaço onde estamos.

Ouvi de Karina Dias que “nós somos o mundo que *olhamos*”, e segui a pista dada pelo verbo. Dias distingue *ver* e *olhar*, e propõe um terceiro fenômeno para se perceber o mundo, a *invisão (invu)*:

11 Merleau-Ponty apud Ingold, 2018, p38.

“

se o *ver* nos dá a sensação de abarcar de uma só vez, o *olhar* trabalha na descontinuidade, na fragmentação, no detalhe. Se o *ver* é superfície, o *olhar* é profundidade, se o *ver* é uma cobertura rápida do espaço, o *olhar* é atravessamento, ele tem um objetivo, um alvo, ele é aproximação.

KARINA DIAS¹²

12 Dias in Orthorf; Dias; Gunther, 2022, p89

Já o conceito de *invisão*, revela a potência do que não é imediatamente visto: o *invu* pode ser tanto a negação do não-visto, como a *visão interna* e *íntima* do observador. É o que “está no limiar da nossa visão e estaria sempre em vias de..., em vias de se tornar visto”¹³.

Olhar o mundo para nos reconhecer requer, então, verticalidade, requer permitir-se aproximar e interrogar-se *do que* se deseja aproximar. Se me entendo também por Terra, certamente infinitas são as existências *invu*, as presenças ocultas às quais também arrisco minha direção e intimidade nesta tese.

Recordo da miopia quando *vejo* outras existências terrestres: pego o regador, molho as plantas e, de perto, folhas são emaranhados de linhas, veios que contam histórias de fotossíntese e persistência. De longe, as folhas do flamboiã do terreno vizinho tornam-se bolhas verdes, volumes simplificados pela distância. Dualidade que persiste, mesmo agora, com a córnea remodelada e grau corrigido — Maria Noujaim¹⁴ já insinuara que esse fenômeno não era particular. Recordo, então, que a percepção neste mundo é sempre uma negociação entre escalas. Penso sobre o astronauta Willian Anders avistando o planeta nascendo feito uma bola que caberia na palma da mão:

13 Ibid. p90

14 Artista da dança e pesquisadora de Goethe.

“ Estávamos de ponta-cabeça e de costas para o espaço havia horas. Não enxergávamos nem o Sol nem a Terra, até que ela veio rolando para perto. Ver algo assim tão delicado, parecendo um ornamento de árvore de Natal, foi totalmente inesperado.

WILLIAN ANDERS¹⁵

15 Depoimento do astronauta Willian Anders apud Harazim, 2024, s.p.

Seria esse depoimento um exemplo do globo terrestre percebido no tempo da (in)visão? – tempo de espera, de suspensão, de aceitar que a Terra só se mostra quando decide fazê-lo? Quantas escalas (im)possibilitam nossos modos de ser o que se é e de (re)conhecer as partes do todo que nos acompanham?



EARTHRISE. FOTOGRAFIA DE WILLIAM ANDERS, TIRADA EM DEZEMBRO DE 1968 DURANTE A MISSÃO APOLLO 8.

A foto-depoimento de 1968. Daqui, um registro ajanelado da Terra. Para Anders, uma paisagem que durou o tempo de (re)conhecê-la em sua parcialidade. Paisagem como ponto de contato, um momento de suspensão feito também da luz que se apresentou na noite. Genuinamente, a paisagem como “relação precisa e preciosa da concretude do mundo”, “experiência sensível do espaço onde reencontra a Terra.¹⁶”

“Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo?”, diria Leonardo Da Vinci cadenciando um pensamento que precede de outra pergunta: “Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro?”. Se nalgum tempo, o *olhar* nos fez abraçar um mundo que além de bela nave nos permite contemplar nossa existência cósmica, agora a *verticalidade do olhar* se espanta com o que se manifesta dentro — o que podemos absorver ao inclinarmos a face para baixo?

Em oposição à beleza proferida por Da Vinci, hoje o olhar sobre a Terra pode ser cúmplice de uma aversão aos nossos feitos geológicos quando se depara com o plutônio de origem termonuclear em sedimentos marinhos.

16 Notas das aulas de Karina Dias, ecoando pensamentos presentes também em Éric Dardel. Sobre a pesquisa de Dias em paisagem ver Entre visão e invisão: paisagem – por uma experiência da paisagem no cotidiano, 2010.

Aproximar a *face* dos *feitos* é recordar causas e derivas determinantes. Retomo o latim *facies*, cuja etimologia sugere sua interpretação como “forma imposta sobre algo” e como termo relacionado ao verbo *facere*¹⁷. Inclino minha face para baixo, sei que aqui seguimos em extermínio multiespécie e que *fizemos* da nave-Terra um agente nocivo a nossa própria permanência. Busco meios de habitar um presente que supõe o fim do período Holocênico.

17 Pesquisa sobre a etimologia da palavra face em Online Etymology Dictionary e em Oxford English Dictionary.

...

Régis Poulet anuncia: “A Terra atravessa uma crise de vida.¹⁸” Eis uma travessia sinalizada por Capitaloceno ou Antropoceno, sugerindo novas perguntas. “Como destreinar o olhar auto-contido humano? Como ir além do enquadramento e reconhecer possibilidades em um mundo precário?” Anna Tsing¹⁹ nos convoca a assumir um tempo de precariedade concomitante à perspectiva de progresso da humanidade. Diferentemente da visão — da superficialidade — de um progresso capitalista, a precariedade é condição de nos percebermos vulneráveis e, talvez, também condição de reconhecermos a potência de viver em ruínas neste (possível) novo período geológico. O meio proposto por Tsing para que outras estórias de mundo emergjam está em ativarmos nossas sensibilidade por meio da curiosidade, e assim notarmos outras possibilidades de encontro com as paisagens e vidas terrenas — ecoa outra nota:

18 Régis Poulet, Presidente do Instituto Internacional de Geopoética, 2022, s.p.

19 Tsing, 2019; 2022. Por auto-contido, Tsing se refere a simplificação/tipificação de um indivíduo padrão no capitalismo, cujos pensamentos estão associados à ideia de progresso.

“ O mundo desmorona simultaneamente em todos os lugares, apesar das aparências. O que acontece em Tvaián é que se vive conscientemente em suas ruínas.

NASTASSJA MARTIN²⁰

20 Martin, 2022, p87. Tvaián é o nome de uma floresta vivenciada pela antropóloga Nastassja Martin. A citação remete à consciência de um mundo em ruínas a partir dos evens do Itcha, povo da Sibéria com quem Martin conviveu.

Para quem conhece as publicações de ambas as antropólogas, o mundo em ruínas de Nastassja Martin a priori poderia ser compreendido como diferente daquele de Anna Tsing. Tsing fala em ruína a partir das consequências dos projetos humanos, lida com o *feral* na distância de um mapa, e aborda a potência do encontro multiespécie por elaborações conceituais e por caminhadas em busca de cogumelos matsutake²¹. Em Martin²², o relato é feito de sonhos, ossos e carne. Ela nos conta sobre seu encontro com as feras e se refere às ruínas ao legitimar a fragilidade do ser humano quando confrontado pela regência naturalmente selvagem de uma vida terrena. Aproximo e distancio a contribuição de ambas para se pensar sobre o que pode um corpo terrestre, em tempos onde aceito o convite de ativar formas de estar, agir e reagir com a Terra, apesar do plutônio.

Sustentar a vida humana sobre uma Terra com resíduos dos últimos dois séculos impele que reconfiguremos nossos modos de ser, a (re)ativar práticas de percepção que recusam o adestramento de um sujeito encapsulado

21 Aqui me refiro às obras “Viver em Ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno”, “Cogumelos no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo” e sobre a interface-pesquisa “Feral Map” de Anna Tsing et al.

22 Livro “Escute as feras”, Editora 34, 2022.

e uma natureza objetificada. Reconhecer-me terrena é caminhar junto com quem deseja desfazer o paradigma de separação, aquele instaurado no advento da modernidade, que cortou o ser de sua própria condição terrestre.

Os meios aqui se aproximam da geopoética fundada por Kenneth White no final dos anos 1970: não é uma construção teórica distante, mas uma prática viva de aproximação, de entrelaçamento entre o ser e o mundo contemporâneo. Distante da nostalgia ou romantização do passado, “trata-se de conquistar a massa de conhecimento disponível e transformá-la em algo que não se volte contra nós ou contra o mundo”²³.

Se urge buscarmos uma nova topologia do ser²⁴, então nossa tarefa é precisamente tecer uma geografia íntima com a Terra — não a Terra como recurso, mas como relação.

Pensar-terra é insurgir contra a domesticação dos sentidos, contra a redução do mundo à funcionalidade e à produtividade — “acredito que a queda do agricultor para o operário tenha sido tão grande quanto a queda do homem

23 Poulet, 2022, s.p.

24 Pensamento retomado no livro *Le Plateau de l'Albatroz* (White, 1994) ao se referir à leitura heideggeriana em diálogo com filósofos pré-socráticos e poetas como Friedrich Hölderlin, Rainer Maria Rilke e René Char.

para o agricultor” (Thoreau²⁵). Em tempos de ruínas, uma *poética da Terra* torna possível outros encontros – encontros que nos desafiam a destreinar o olhar auto-contido, a situar corpo e pensamento, a dedicar nossa atenção ao que resiste e insiste²⁶.

25 2018, p.60

26 “Trata-se de encontrar diferentes formas de ligar a poética ao geo, ou seja, de reconectar o pensamento à Terra de uma forma contemporânea. (...) A geopoética oferece: a formação de um mundo humano em harmonia com a Terra; um mundo onde o pensamento e o corpo estão situados, um mundo aberto aos outros lugares que falam dentro dele” (Poulet, 2022, s.p.).

rotundidade

Habitamos uma borda
Alteramos essa borda
montanha, morro
platô, planície
co-habitamos nessa borda

Esta escrita tende a suprimir nomes próprios de localidades, nomes que endereçam a coordenadas específicas. Isso é efeito de não se conter nem a uma vista arraigada ao localismo simples²⁷, nem a expectativas de resumir totalidades – especulo uma *existência-fractal*. Um corpo terreno vivencia frações da rotundidade planetária, o que permite ligar esse corpo “não só ao solo que o suporta, não só à paisagem que se estende horizontal e verticalmente até fazer a volta do globo, mas também ao cosmos, do qual a Terra faz parte”²⁸. Leio essas palavras de Régis Poulet, apresentando pensamentos de Kenneth White em um seminário, e penso sobre a trajetória simultaneamente horizontal e vertical da paisagem que desenha uma esfera. Acostumada a traduzir o horizontal e o vertical como pensamentos em reta – vestígios de uma geometria escolar – volto aos meus interesses por fisiologia e física, penso em uma fisiologia terrestre, na rotação da Terra provocando uma curva nesse pensamento-reta.

27 “Para White, o localismo simples está do lado da história, de uma idealização excessiva, confinante e frequentemente retrógrada de um lugar (região, país ou nação), enquanto que o localismo aberto está do lado da localidade como um espaço primário e elementar, aberto a uma atopia.” (Ibid)

28 Poulet, 2022, s.p.

Para além da força gravitacional, “o efeito Coriolis descreve o padrão de deflexão sofrido por objetos não firmemente conectados ao solo quando se deslocam por longas distâncias ao redor da Terra.”²⁹ Esse efeito deriva do eixo de rotação terrestre e atua na direção norte-sul: nosso planeta é mais largo e gira mais rápido no Equador do que nos Polos. Isso faz com que um ponto de vista aterrado perceba uma curva em fluidos atmosféricos e em objetos lançados de maneira longitudinal, em direção oposta ao centro da Terra. Recordo das nuvens que espiralam em sentido horário e anti-horário nas imagens de TV que nos informam sobre a *previsão do tempo*. Percebo a paisagem definindo-se a partir do olhar³⁰, paisagem-cúmplice da rotundidade. No desejo de ser (mais) próxima à Terra, o pensamento e prática da geopoética desenham paisagens que giram do centro do planeta até o último elemento cósmico que ainda podemos identificar como pertencente à Terra

Entre rotações e translações, aterrados, pensamos na curva borda terrestre, nossa superfície de contato.

29 National Geographic, 2024, s.p., tradução nossa.

30 Milton Santos

Perturbamos
Colonizamos
Dominamos essa borda?

Somos movidos pela borda
e giramos

Se lançados
nos curvamos novamente ao seu encontro

cultura da permanência

A Permacultura – em primeiro momento pensada como “agricultura permanente”, e depois expandida para “cultura permanente” – é uma metodologia cujos princípios se apropriam de bordas, limites ou margens de maneira utilitarista, como zona de potência, transição e abundância.

As “paisagens conscientemente planejadas”³¹ sob essa abordagem, imitam padrões e relações presentes na natureza, e partem de fluxos que nascem justamente nos encontros entre sistemas, no limiar onde acontecem entrelaçamentos férteis. Na prática permacultural, as bordas são mais do que espaços intermediários. Elas são compreendidas como zonas de alta biodiversidade, onde espécies se cruzam, trocam, criam novas possibilidades de habitar.

31 Bill Mollison apud Holmgren, 2013, p33

“

O que constitui um limite e o que é um sistema por si só é uma questão de escala e perspectiva. Em uma determinada escala, margens representam apenas uma pequena parte de qualquer sistema.

DAVID HOLMGREN³²

32 Holmgren, 2013, p346

Falar da borda terrestre como superfície de contato, tantas vezes do tamanho das solas de dois pés, não anula a mesma como lugar de tensão, de multiplicação de relações. Inclinarmos a face para baixo, atentar-se ao contato *no* limiar, naquilo que toca tanto o externo como o interno pode ser uma estratégia consciente de intensificar a vida. Quais invisibilidades habitam as zonas limítrofes de nossa relação com o mundo? Pensar as bordas é também pensar as invisões — aquilo que ainda não foi totalmente visto, mas que espera por um atravessamento sensível.

A permacultura nos convida a perceber o simples para reconhecer a complexidade na dinâmica de fluxos de energia que nutrem um sistema. Sugere atenção aos encontros entre o humano que somos, e o que tocamos ou agenciamos. Na cultura da permanência, permanecer é avesso à imobilidade, à estagnação: é entrelaçar-se com a vida nos interstícios. É praticar gestos éticos de coexistência.

A exemplo dos gestos éticos, “Observe e interaja” — nessa ordem —, verbalizam o primeiro princípio da metodologia permacultural, e tornou-se tática para minha forma de estar e de me relacionar no mundo desde que o conheci. Passei por uma certificação em permacultura com a intenção de seguir meu habitat em ambientes distantes da urbes, e o fiz. A vivência, mesmo que breve, aparentemente teve mais efeito sobre o meu pensar do que

sobre o meu agir, porém, é ao me dedicar a esta elaboração teórica no campo das artes que percebo o embaçar da distinção entre uma coisa e outra. A permacultura é uma metodologia de design que parece infiltrar as construções concretas e teóricas que compilo ao longo destes sete cadernos. Imagino, e não escrevo, ainda, instruções poéticas derivadas de todos os princípios, a começar pelo que citei acima:

“ Observe e interaja
Capte e armazene energia
Obtenha um bom rendimento
Aplique a autorregulação e aceite o *feedback*
Use e valorize recursos e serviços renováveis
Evite o desperdício
Projete dos padrões aos detalhes
Integre em vez de segregar
Use soluções pequenas e lentas
Use e valorize a diversidade
Use os limites e valorize o marginal
Use e responda à mudança com criatividade

DAVID HOLMGREN³³

33 Holmgren, 2013

Penso tanto nos ordenamentos poéticos de estrutura simples e improvável de Yoko Ono na obra *Grapefruit*, como na persistência de Bill Mollison e David Holmgren³⁴ em traduzir, na década de 1970, parte da sabedoria aborígene e de outros povos tradicionais no livro *Permaculture One: A Perennial Agriculture for Human Settlements*. Recordo de minhas complexidades em escrita lenta. Em outro tempo e espaço, talvez o imperativo das doze frases permaculturais pudessem explicar objetivamente um passo-a-passo de enfrentamento ao emaranhado abstração–corpo–Terra que ordeno nestas páginas.

34 Bill Mollison e David Holmgren são os dois cientistas australianos que criaram o conceito de permacultura na década de 1970.

modos de pensar e agir

Um corpo que caminha, percebe, se organiza, escreve, gera imagem — (re)conhecendo-se. As elaborações decorrentes dessa pesquisa não buscam a separação entre criação e reflexão, mas a tessitura sensível de uma prática de habitar e pensar *com* o mundo.

A geopoética — entendida como prática e teoria inseparáveis³⁵ — fundamenta e articula uma metodologia. Trata-se de afirmar a criação poética como dinâmica fundamental do pensamento, como forma de abertura de mundos e linguagens³⁶. Lançar-se à experimentação, deslocar-se como meio de manifestar a própria existência como orientadora de ações e reflexões. A criação de imagens e escritas aqui mobilizada é menos produto acabado do que gesto de um empirismo atento, onde o saber emerge da fricção viva com o campo.

A caminhada, neste contexto, é mais do que um meio de deslocamento: é prática estética³⁷.

35 White, 1994

36 Pouillet, 2022

37 Ver Walkscapes: o caminhar como prática estética (Careri, 2013)

Movida pelas reflexões de Francesco Careri, faz-se do caminhar escritura corporal do território, arquitetura simbólica de presença – uma ação capaz de fundir percepção e criação, leitura e escrita do espaço³⁸. Dito isso, o caminhar não é aqui apenas um deslocamento, mas um gesto mundificante, termo que Kenneth White utiliza para apresentar uma relação poética e filosófica que visa ampliar e aprofundar a experiência do mundo, não apenas entendê-lo como um dado objetivo, mas vivê-lo e habitá-lo de modo mais pleno e integrado³⁹. Remete a práticas que buscam habitar o mundo de forma sensível, integrando corpo, cultura, natureza e espaço, numa experiência de consciência em constante transformação. Pensar e caminhar são, assim, práticas que se contaminam e se prolongam mutuamente, convidando à emergência de um saber corporal, situado, vivo.

38 “O caminhar produz lugares. Antes do neolítico, e, assim, antes dos menires, a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar, uma ação que, simultaneamente, é ato perceptivo e ato criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território.” (Careri, 2013, p51)

39 White, 2014

Percorrer a borda terrestre é também exercitar um *pensamento tentacular*, categoria proposta por Donna Haraway⁴⁰. Um pensar que desvia de sistemas de separação e hierarquia — que não se fia em noções de indivíduo isolado ou em histórias humanas lineares. Pensar tentacularmente é tramar com o que é múltiplo e proliferante; é sustentar a atenção nos encontros parciais, no emaranhamento de mundos diversos.

40 Haraway, 2016

“ Nada está conectado a tudo, mas tudo está conectado a algo.

VAN DOOREN⁴¹

⁴¹Dooren apud Haraway, 2016, p31 tradução nossa.

No léxico derivado da palavra mundo, Haraway desenvolve a proposta de *string figures worlding*⁴² (*SF worlding*, ou *mundos SF*), conferindo a ela um sentido ligado à linguagem e à construção do conhecimento – “os mundos SF não são contentores, mas padronizações, coproduções arriscadas, fabulações especulativas”⁴³. Para Haraway, o conhecimento científico não é neutro ou universal, mas sempre “corporificado, localizado, parcial”. A *SF worlding* questiona a forma como o mundo é nomeado, representado e fabricado por meio da linguagem e das práticas discursivas, sempre inseridas em contextos históricos, políticos e sociais. As ações poéticas decorrentes dessa pesquisa apontaram uma flecha em direção a narrativas de mundo de povos originários situados em diferentes direções da Terra, capazes de gerar justaposições importantes, principalmente no que se refere a elementos ocultos da relação entre os seres e a terra.

42 Em que *string figures* traduz-se como figuras de barbante, metáfora baseada em um jogo presente na cultura Navajo, entre outras, que aponta para a fabulação especulativa; e *worlding* pode ser traduzida como mundificação, ressoando pensamentos de Heidegger.

43 Haraway, 2023

“ It matters what worlds world worlds.

DONNA HARAWAY⁴⁴

44 Hawaray, 2016, p35. Optamos por manter a afirmação em inglês por esta favorecer as relações de worlding apresentadas na tese. A versão traduzida, publicada em 2023 pela n-1 edições, busca manter o sentido – “Importa quais mundos mundificam mundos”.

Busco a *arte de notar* de Anna Tsing⁴⁵ como forma de perceber os arranjos que escapam às narrativas dominantes . Notar é deslocar o olhar hegemônico e permitir que as presenças ocultas ou negligenciadas, as justaposições improváveis, as alianças precárias entre humanos e não-humanos possam emergir. Na linguagem de Tsing, aprender a notar é abrir o corpo e a atenção aos fragmentos de vida que persistem apesar da devastação — como os cogumelos que brotam nos territórios arruinados, convocando à imaginação de outras formas de coexistência. A leitura em Tsing soma um novo conceito-prática ao léxico: *world making* (fazer mundos)⁴⁶. Aqui, nos atentamos à interação multiespécie, especialmente em contextos de instabilidade. O trabalho da antropóloga enfatiza a criação de mundos por meio de agenciamentos múltiplos e inesperados, onde o mundo não é dado, mas continuamente feito e refeito por meio de relações entre seres, práticas culturais e ambientais. O *world making* é um processo aberto e coletivo, que reconhece a diversidade de atores e a complexidade das relações que formam paisagens e mundos.

A partir dessas bases, a metodologia desta tese funda-se em três princípios complementares e em permanente articulação:

45 Tsing, 2022

46 Id.

- » Caminhar como prática poética e estética, onde o corpo terrestre inscreve-se no espaço, desenhando percursos sensíveis, abrindo lugares através da própria travessia;
- » Pensar tentacularmente, tecendo imagens e palavras como quem fia redes de coexistência, onde a criação é sempre rizomática e nunca unilateral;
- » Exercitar as artes de notar, cultivando a atenção ao que emerge nos interstícios, nas bordas, nas camadas ocultas e nos fragmentos.

Habitar o mundo com a incerteza, com a impermanência, com a multiplicidade de escalas e tempos⁴⁷ é aceitar que o gesto de pensar-criar é sempre uma negociação instável com o que nos atravessa e nos excede.

47 Id.

“ Não sei como se faz isso... Sei como eu faço...
Eu me aproximo, sou captada, eu me afasto ou fujo. Retorno, capto, traduzo. Aquilo que vem dos outros, que passa pelo meu corpo e vai embora para não sei onde.

NASTASSJIA MARTIN⁴⁸

48 Martin, 2022, p104

afeto

A construção de um pensamento-corpo-terra transita em experiências: viagens, residências artísticas, atravessamentos íntimos que reformulam a cartografia do próprio existir. Essas experiências se sobrepõem como camadas vivas. É uma tese vivida, um corpo que cria enquanto é criado. Dentre leituras e imagens, retomam-se laudos, registros em desenhos, vídeo e fotos, feitos há dez anos ou menos. Reordena-se documentações e poéticas, de forma inseparável à condição de deixar-se mover pela imprevisibilidade do porvir.

O afeto rege essa composição. Derivas, percursos errantes, são integrados como táticas de aproximação, exercícios de contato e de cuidado, uma forma de manter acesa a disposição de ser afetada pelo mundo. As práticas de caminhar, os desenhos de contato e as descrições fenomenológicas dos encontros com a paisagem surgem como tentativa de manter aberto o campo afetivo para sustentar a volição de estar encarnada nesse tempo.

Ao percorrer bordas, seja pelo olfato, pelo tato ou pela vulnerabilidade da presença, como propõe Anna Tsing, a prática aqui delineada constroi um (a)método sensível: mais interessado em acompanhar fenômenos do que em fixá-los. Um (a)método que também se aproxima da atitude goethiana — como observo o fenômeno que estou observando?

Integram a prática desta tese eventos decorrentes de três edições da *Residência da Plantas*. Trata-se de um programa de residência artística concebido por mim em parceria com dois amigos na virada pandêmica de 2020 para 2021⁴⁹. Sua metodologia e formato são próprios e, até o momento, teve três edições viabilizadas por meio de editais públicos. Há uma perspectiva de itinerância, em que cada edição se desenvolve em um novo lugar, um lugar desconhecido como local de permanência prévia daqueles que participam da residência. Das relações espaço-tempo vivenciadas ao longo de residências na Serra do Caparaó-ES, Serra da Mantiqueira-RJ e no município de Amparo-SP, emergiram oportunidades de me lançar em poéticas movidas pela deriva e pela coexistência.

Assim, compor este relato é, antes de tudo, uma disposição amorosa: um esforço por (re)construir, passo a passo, imagem a imagem, as histórias de um corpo capaz de acolher a si, aos outros e à Terra, em um abraço, curvo.

49 Criação e execução conjunta entre Camila Torres, Juliana Colli e Luis Filipe Porto. Para mais informações: <http://www.dasplantas.com>

sobre a escrita e as imagens

A geopoética de White “presentifica um tipo de reflexão, método-ametódo de escrita, uma maneira de estar no mundo”⁵⁰. Dessa forma, o próprio processo de escrita da tese se torna uma prática geopoética: uma tentativa de inscrever-se na Terra, de verbalizar forças que nos compõem e nos atravessam, de responder a chamados silenciosos das margens, dos vazios, dos entre-lugares. Uma escrita-percurso, relato de espaços atravessados⁵¹.

Esta escrita se horizontaliza no alcance dos gestos mínimos, dos feitos efêmeros, das fabulações especulativas situadas em tempos e espaços. E possibilita a profundidade no cruzamento de narrativas, conceitos, geograficidades..

50 White, 2014

51 Careri, 2013

“ ...a escrita é uma maneira de prolongar o pensamento

JEREMY NARBY⁵²

52 Narby, 2018

“ O pensamento não se separa da viva vivenciada

KENNETH WHITE⁵³

53 Artigo “O Grande Campo da Geopoética” in Instituto Internacional de Geopoética, s.d., s.p.

É impossível desviar de si mesmo. O ato de escrever não é um mero artifício formal, se faz também biográfico, relacionando “o eu, a palavra e o mundo”⁵⁴. Junto a White, escrevo para reler e recontar o mundo⁵⁵. Isso implica em investigar coesão e coerência em uma poética dinâmica, que vagueia entre as camadas da Terra – a litosfera, a hidrosfera, a biosfera, sua geologia – e a esfera de pensamento.

Imagens-pensamento autorais compõem e orientam a organização da pesquisa em cadernos. Além das vivências em residências artísticas, os processos também desdobram provocações lançadas nos ateliês acadêmicos em tempo de pandemia. Olho para esses feitos como viagens em si mesmos. Essas imagens, biográficas como a composição dos textos, abrem assentamentos para acomodar textos junto a bidimensionalidade das páginas, onde se impregna em tinta e bagunça o tempo – ainda estou em viagem? Os verbos de cada (cri)ação poética ainda estão no gerúndio? O cenário em movimento da geopoética em foto ou vídeo abre a imaginação para o extracampo, para o *invu*. Busco os registros, me resigno com o que não consigo mostrar e nem ver, depois, sem saber quando, contemplo elementos que vejo e não vejo – lembro de Ruy Ludovice

54 Poulet, 2022

55 White, 1994

falando sobre Jacques Rancière⁵⁶, do relato de Kenneth White⁵⁷ sobre meditar com uma coleção de imagens, penso em meu esforço em compreender Bachelard. Encontro *imagens-táteis*.

56 Nota pessoal durante aula ministrada pelo pesquisador em filosofia e história da arte Ruy Ludovice: “Jacques Rancière (Argélia, 1940): a imagem se dá como intervenção nas relações entre o visível e o dizível. Instalação de outros regimes de visibilidade. Ela é testemunho, mas também o cerne das coisas, uma palavra muda, um modo de ser.”

57 “Essa coleção de imagens preenche uma função difusa e múltipla. (...) Tal ou tal imagem ou objeto pode me servir de base de meditação. (...) O todo represente, talvez, uma coerência inédita: um mundo protoplásmico.” White, durante o colóquio Géopoétique et Arts Plastiques. Trecho disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/105-no-atelie-geopoetico>

“ as imagens materiais – as imagens que nós fazemos da matéria – são eminentemente ativas. Não se fala muito disso; mas elas nos sustentam assim que começamos a confiar na energia de nossas mãos.

GASTON BACHELARD⁵⁸

58 Bachelard, 2014, p. 23

seis +1

Esse objeto editorial não propõe uma arquitetura linear para sua leitura, e se prolifera em espirais multidirecionais. Ele se apresenta como uma sucessão de experimentos, travessias, lapsos e retornos.

Com o passar do tempo de pesquisa, os encontros pelas palavras, imagens e ações poéticas autorais resultaram em inúmeros retalhos dispersos expressados em palavras, desenhos, páginas de um diário de códigos. Foi necessário fazer mais um movimento goethiano, o de apreender o todo para, depois, debulhar as partes.

Se a pesquisa encontra discussões sobre a percepção do mundo em deambulações sobre o olhar, a (in)visão e a caminhada sobre uma borda esférica, passo a considerar o momento em que o olho se torna terrestre como uma pista, uma possibilidade de elo comum em meio a exercícios de contato para se falar sobre um corpo terrestre.

A córnea é a primeira lente biológica, cuja origem remete a processos iniciados há mais de 500 milhões de anos⁵⁹. O percurso foi longo entre um aglomerado de proteínas sensíveis à luz em um organismo unicelular aquático, passando pela estrutura curva de visão de planárias que possibilitaram tanto a convergência de raios lumino-

59 Teoria apresentada por Joshua Harvey. Vídeo disponível em: <https://ed.ted.com/lessons/the-evolution-of-the-human-eye-joshua-harvey>

so que atravessavam a água como a busca instintiva pela sombra, até que uma estrutura dedicada ao que chamamos de visão, em termos fisiológicos, se formasse como um globo com uma pequena abertura, ainda submersa. Para que essa estrutura emergisse das águas, foi necessário uma cobertura de células transparentes e o preenchimento desse globo com um líquido. Essa camada de células transparentes consolidaram a córnea como primeira estrutura do olho humano que interage com a luz.

Noto o globo ocular, e volto à foto do globo terrestre feita por Anders, um encontro ao mesmo tempo próximo e distante com o ponto de partida de sua viagem. Entre todo e partes, penso nas bordas dos dois globos citados, e passo a adotar as lentes e fenômenos estudados pela física como possibilidade de reformulação da pesquisa.

“ Para que um devaneio tenha prosseguimento com bastante constância para resultar em uma obra escrita, para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre sua matéria, é preciso que um elemento material lhe dê sua própria substância, sua própria regra, sua poética específica.

GASTON BACHELARD⁶⁰

60 Bachelard, 2018, p4

Segui motivada por divagações sobre habitar uma borda, sobre a rotundidade do globo terrestre e do globo ocular, e na maneira como o pensamento-Terra pode ser apreendido na escala do tato ou dos olhos. Desdobrei a estrutura desta publicação a partir de uma classificação baseada em dois conceitos: o côncavo o convexo. Estes conceitos nomeiam as partes e são instrumentos de observação de pequenos movimentos apreendidos como itens de um catálogo. Um testemunho-invenção do que poderia ser viver na Terra.

“ Ao estudar as imagens materiais, descobriremos (...) o imago de nossa energia. Em outras palavras, a matéria é nosso espelho energético; é um espelho que focaliza nossas potências iluminando-as com alegrias imaginárias. E como num livro sobre as imagens sem dúvida é permitido abusar das imagens, diríamos de bom grado que o corpo duro que dispersa todos os golpes é o espelho convexo de nossa energia, ao passo que o corpo mole é seu espelho côncavo.

GASTON BACHELARD⁶¹

61 Bachelard, 2019, p20

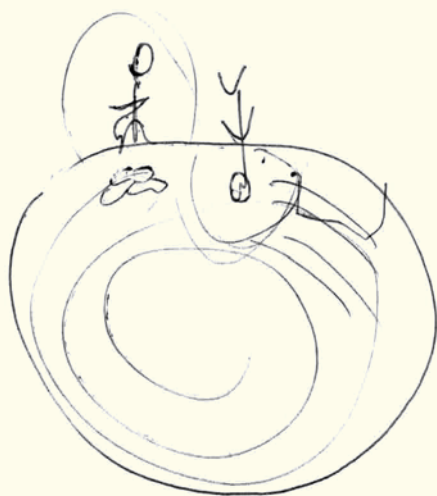
A organização dos exercícios poéticos que compõe a tese busca refletir a dinâmica de aproximação e interconexão entre o olhar, o corpo (organismo humano) e o espaço (terra/planeta), navegando entre dualidades: exterioridade (convexo – luminoso) e a interioridade (côncavo – sombrio).

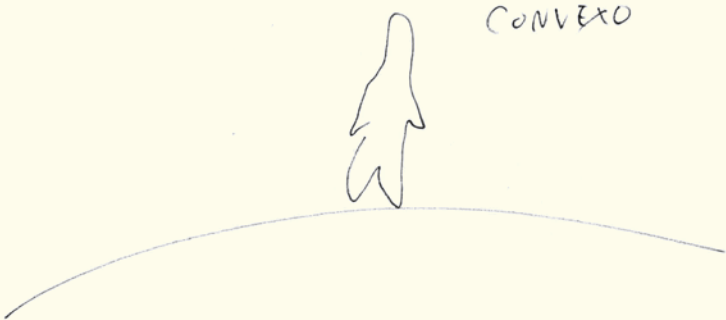
Os três cadernos da superfície Convexa apresentam narrativas de ações que se deram pela relação concreta com corpo com a massa planetária. Contempla ações impulsionadas por raios solares, pela dimensão panorâmica dos relevos e da comunicação entre espécies. Possuem os títulos: *Guillain-Barré*, *Fitando Pedras* e *Ser selvagem*.

Os cadernos da superfície Côncava surgem de um aprofundamento subjetivo no que estrutura e ara a Terra por dentro. Dedicam-se ao contato com invisível, ao mundo que pulsa em suas entranhas. Possuem os títulos: *Minhocas*, *Horizontes Subterrâneos* e *Máquina do Tempo da Terra*.

Tal classificação é mero jogo de aproximação – ou talvez seja o último ato ora descrito que corporifica a existência de um corpo terrestre em pedaços que possam orbitar em relação. Finalizo com uma sugestão: deixe os cadernos dançarem. Aproxime-se. Afaste-se. Inverta-se.

UM CORPO TERRESTRE. SÉRIE DE DESENHOS.
CAMILA TORRES, 2021-2025



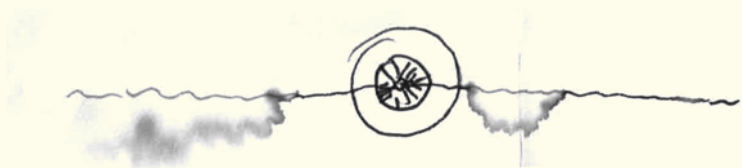


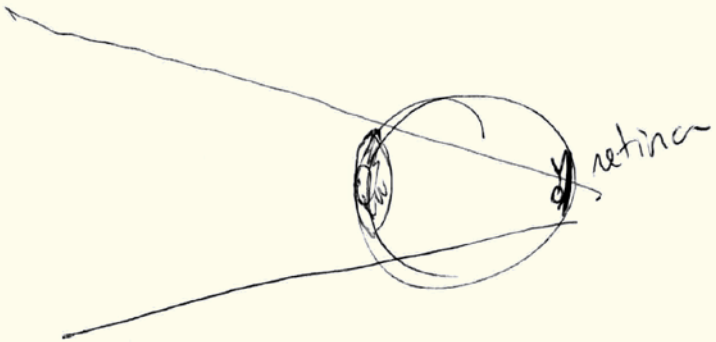
BARRIGA, CONVEXA, FORA,
É

CÔNCAVO



ÚTERO, CÔNCAVO, DENTRO,
SOM, SER IMAGINADA







gama-lago

Amaulizha

Foco

Amadame

"Tancle de Alme"



TERRITÓRIO
FITA BRANCA

DEMONSTRAÇÃO
O QUE VEJO
RECEBER LUZ





I MARGENAR

- QUEDA
O QUE NÃO VEJO / INVISU / VISÃO DE DENTRO
- FOCAR NA BORDA
CAMINHAR
- RETINA, IMAGEM DE DENTRO, FLORESTA PARA MÍOPE

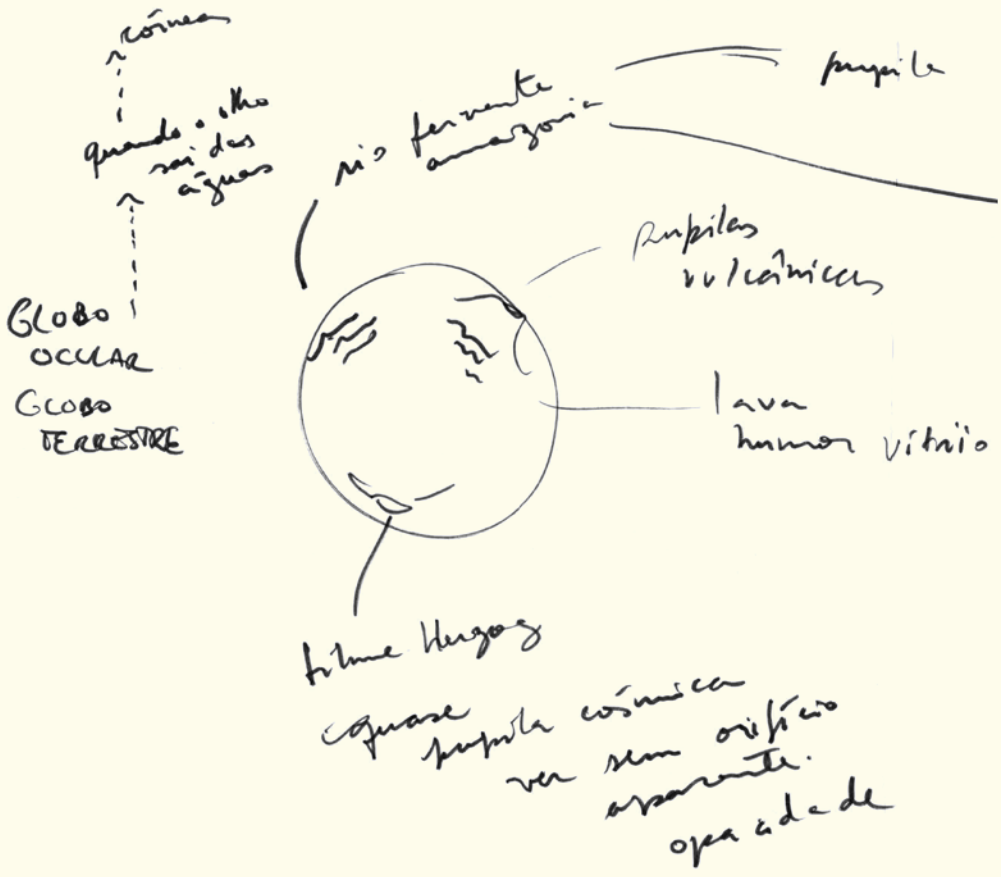


SEDIMENTOS
SOBEM

HUMOR VITREO MOSCAS VOLANTES

ÁGUA TURVA, ~~EM~~ SEDIMENTOS
OLHO D'ÁGUA / SOBEM

OLHO FOCO / ÁGUA PARADA
SEDIMENTOS ACOMODAM



rebuense,
onde está a coisa?

— serpente, morcas volantes
comunidade indígena

→ milhão de
anos e cristal

↓
espaço e tempo

referências

AGÊNCIA BRASIL. Gravuras de sítio arqueológico são vistas durante seca em Manaus. Agência Brasil, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/gravuras-de-sitio-arqueologico-sao-vistas-durante-seca-em-manaus> . Acesso em: 9 out. 2025.

ANTÓN, Jacinto. Antropóloga atacada por um urso: “Enquanto mordía minha cara, pude ver o interior de sua boca. Foi horrível”. EL PAÍS Brasil, 9 nov. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2021-11-09/antropologa-atacada-por-um-urso-enquanto-mordia-minha-cara-pude-ver-o-interior-de-sua-boca-foi-horrivel.html> . Acesso em: 27 out. 2025.

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

_____. A Terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

BABAU, Cacique. Retomada. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

BARCELLOS, Vera Chaves; PITTA, Fernanda. Paisagens epidérmicas. Revista ZUM, n. 27, [S.l.], 28 nov. 2024. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-27/paisagens-epidermicas> . Acesso em: 21 out. 2025.

BARIKIN, Amelia. Robert Smithson's Crystal Lattices: Mapping the Shapes of Time. Holt/Smithson Foundation, julho 2019. Disponível em: <https://holtsmithsonfoundation.org/robert-smithsons-crystal-lattices-mapping-shapes-time> . Acesso em: 21 out. 2025.

BENITES, Tonico. Rojeroky Hinário Ha Roike Jevy Tekohape. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

BENNER, Elizabeth. How elephants use their feet to 'hear' rain storms 100 km away. CBC Documentaries, 14 fev. 2024. Disponível em: <https://www-cbc-ca.translate.google.com/documentaries/the-nature-of-things/how-elephants-use-their-feet-to-hear-rain-storms-100-km-away> . Acesso em: 7 out. 2025.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

_____. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

BONA, Dénètem Touam. Sabedoria dos cipós: Cosmopoética do refúgio. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

CARLNINHOS da Resex de Canavieiras. Maretórios. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

CARNEGIE MUSEUM OF NATURAL HISTORY. How do geodes get their colors? Pittsburgh, [s.d.]. Disponível em: <https://carnegiemnh.org/how-do-geodes-get-their-colors> . Acesso em: 20 out. 2025.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CLARK, Lygia. Caminhando. 1963. Fita de papel (faixa branca envolta ao livro, construída como fita de Möbius). In: ACERVO da Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando> . Acesso em: 26 out. 2025.

COCCIA, Emanuele. Metamorfoses. Tradução Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. 1. ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARWIN, Charles. A formação da terra vegetal pela ação das minhocas, com observações sobre seus hábitos. Tradução: Sofia Nestrovswki – 1. ed. – São Paulo: Fósforo, 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Editora 54, 1997.

DIAS, Karina. Entre visão e invisão: paisagem - por uma expe-

riência da paisagem no cotidiano. Programa de Pós-Graduação em Arte, Universidade de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

FENATI, Maria Carolina Junqueira (org.). Gratuita 4: animais. Belo Horizonte, MG: Chão de Feira, 2023.

FRANK, Hans-Georg. Placental Development. In: POLIN, Richard A.; et al. Fetal and Neonatal Physiology (Fifth Edition). Elsevier, Volume 1, 2017, p.101-113.

FERRREIRA DE OLIVEIRA, Joelson. Lutar pela nossa terra. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

GOETHE, Johann Wolfgang von. A metamorfose das plantas. São Paulo: Édipo, 2019.

_____. A metamorfose das plantas. São Paulo: Editora Antroposófica, 1993.

GUGGENHEIM. Artwork 5220. Solomon R. Guggenheim Museum, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.guggenheim.org/artwork/5220> . Acesso em: 21 out. 2025.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

HANNA, Limulja. O desejo dos outros: Uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

HARAWAY, Donna J. Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene. Durham, NC: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna J. Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAZIM, Dorrit. Nosso oásis indefeso. Revista Piauí, edição 214, jul. 2024. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-astronauta-que-fotografou-o-nascer-da-terra> . Acesso em: 22 mar. 2025.

HOLMGREN, David. Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

IKPENG, Oreme. Aqueles que andam juntos. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

INGOLD, Tim. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

_____. Linhas: uma breve história; tradução de Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

JEREMY, Narby. A serpente cósmica: o DNA e as origens do saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

JOÃO, Izaque. A língua vegetal guarani. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

KIDOIALE, Makota. As plantas, nossos ancestrais. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Ludmilla Alves Carneiro de. Rotas, raízes e devorações : re-voltar a pintura e outras histórias selvagens. 2021. 617 f., il. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Brasília, 2021.

MANCUSO, Stefano. Revolução das Plantas. São Paulo: Editora Ubu, 2019.

MAXAKALI, Isael; MAXAKALI, Sueli. Aldeia-escola-floresta. In: CARNEVALLI, Felipe et al. (orgs.). Terra: antologias afro-indígenas. São Paulo; Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

MARTIN, Nastassja. Escute as feras. São Paulo: Ediitora 34, 2022.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. 1 e.d. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEDIDA DE UMA FORÇA. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/medida-uma-forca.html> . Acesso em: 28 out. 2025

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora / Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

NATIONAL GEOGRAPHIC. O efeito Coriolis: a rotação da Terra e seu efeito no clima. dez. 2024. Disponível em: <https://education-nationalgeographic-org.translate.goog/resource/coriolis-effect> . Acesso em: 28 abr. 2025.

ORTHOFF, Levi Aprigliano. Geonauta. Orientadora: Karina Dias. Brasília: Universidade de Brasília, 2021. Tese (Doutorado em Artes Visuais).

OPENStax College. Axial muscles of the head, neck, and back. In: Anatomy & Physiology. Disponível em: <https://pressbooks-dev-oer-hawaii-edu/anatomyandphysiology/chapter/axial-muscles-of-the-head-neck-and-back> . Acesso em: 8 out. 2025.

Oxford English Dictionary. Verbetes face. Disponível em: <https://www.oed.com> . Acesso em: 16 ago. 2025.

Oxford References. Verbetes Horizon style. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com> . Acesso em: 8 out. 2025.

PARÁ-YXAPY, Patrícia Ferreira. Fronteira, Espaço e Paisagem. In: NOBRE, Ana Luiza; CALAFATE, Caio (orgs.). Sentidos do chão [livro eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Comum Pesquisas e Produções, 2022. PDF.

PÃRÕKUMU, Umusi; TORAMU, Kehiri. Antes o mundo não existia: Mitologia Desana-Kèhíripõã. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.

POULET, Régis. A geopoética ou como abrir um mundo. [S.l.]: Instituto Internacional de Geopoética, 2022. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org> . Acesso em: 9 set. 2023.

Prefeitura de Resende. Turismo: Resende. Disponível em: <https://resende.rj.gov.br/turismo> . Acesso em: 26 out. 2025.

PORTAL DA SERRINHA DO ALAMBARI. História. Disponível em: <https://www.serrinhadoalambarirj.com.br/historia> . Acesso em: 26 out. 2025.

ROWE, John Howland. Max Uhle, 1856-1944 - A Memoir of the Father of Peruvian Archaeology. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 1954. Disponível em: <https://digicoll.lib.berkeley.edu/record/82959?v=pdf> . Acesso em: 8 out. 2025.

SNEED, Gillian. Ana Mandieta, Silueta series. Smarthistory, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://smarthistory.org/ana-mendieta-silueta-series> . Acesso em: 21 out. 2025.

Tavares, Paulo. Memória da terra: arqueologias da ancestralidade e da despossessão do povo Xavante de Marãiwatsédé. Brasília: MPF, 2020.

THOMAS McG. JR., Robert. Maria Reiche, 95, keeper of an ancient Peruvian puzzle, dies. The New York Times, 15 jun. 1998. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1998/06/15/world/maria-reiche-95-keeper-of-an-ancient-peruvian-puzzle-dies.html> . Acesso em: 26 out. 2025.

THOREAU, Henry David. Walden ou A vida nos bosques. São Paulo: Édipo, 2018.

TUCHMAN, Phyllis. Robert Smithson, “A Nonsite (Franklin, New Jersey)” (1968). Holt/Smithson Foundation, maio 2020. Disponível em: <https://holtsmithsonfoundation.org/robert-smithson-nonsite-franklin-new-jersey-1968> . Acesso em: 21 out. 2025.

TSING, Anna L. Cogumelos no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

_____. Viver em ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna L; et al. Feral Atlas. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://feralatlantlas.org> . Acesso em: 29 abr. 2025.

VÍDEO DA FLIP. Metamorfoses, com Emanuelle Coccia e Adria-

na Calcanhotto. Mesa 18, 5 dez. 2021. [S.l.]: FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kSG9p6VoMY0>. Acesso em: 5 dez. 2021.

WHITE, Kenneth. Colóquio Géopoétique et Arts Plastiques. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/105-no-atelie-geopoetico>. Acesso em: 9 set. 2023.

_____. Plaqueau de l'Albatros: Introduction à la géopoétique. 1994. (PDF) Uma abordagem científica do campo geopoético. [S.l.: s.n.].

_____. The fundamental field – thought, poetics, world. 2021. [S.l.: s.n.].

WHITE, Kenneth; POULET, Régis. Panorama géopoétique: entrevista com Kenneth White. Éditions de la Revue des Ressources, collection “Carnets de la Grande ERRance”, 2014. Tradução de Márcia Marques-Rambourg. Arquivo digital, sem paginação.

filmografia

FIREBALL: VISITORS FROM DARKER WORLDS. Direção: Werner Herzog. Alemanha; Reino Unido; EUA: Spring Films, 2020. 1 filme (97 min), colorido, som.

HONEYLAND. Direção: Tamara Kotevska e Ljubomir Stefanov. Macedônia do Norte: Bretz Filmes Distribution, 2019. 1 filme (86 min), color., som.

HUNTERS AND HUNTED. Episódio 1. Em: SecretWorldofSoundwithDavidAttenborough. Direção: Rebecca Hart. Reino Unido: Humble Bee Films; Netflix, 2024. 1 episódio (44 min), color., som.

JANELA DA ALMA. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Brasil: Videofilmes, 2001. 1 filme (73 min), color., som.

LEANING INTO THE WIND: Andy Goldsworthy. Direção: Thomas Riedelsheimer. Alemanha: Reck Filmproduktion, 2017. 1 filme (97 min), color., som.

MY OCTOPUS TEACHER. Direção: Pippa Ehrlich e James Reed. África do Sul: Sea Change Project; Netflix, 2020. 1 filme (85 min), color., som.

guillain-barré

Este caderno relata percepções sobre o meu corpo durante o ano de 2013, em que fui acometida pela Síndrome de Guillain-Barré, uma doença auto-imune que compromete a comunicação entre células do sistema nervoso periférico, afetando, principalmente, o tato e capacidades motoras. As páginas dizem sobre como (re)habilitar meu estar no mundo e apresentam fotografias realizadas pelo amigo e artista Pedro Karg em 2024, um ano após a retomada completa de meus movimentos.

**pele, quase linha
e continente**

“ O ponto de vista cartográfico realiza o ato de transpor o mundo tridimensional para um ponto de vista bidimensional e planificado, que pode ser percorrido com as pontas dos dedos (simulando uma vista de cima). Envolve os atos de traçar, medir e, em muitos casos, também nomear.

LUDMILLA ALVES¹

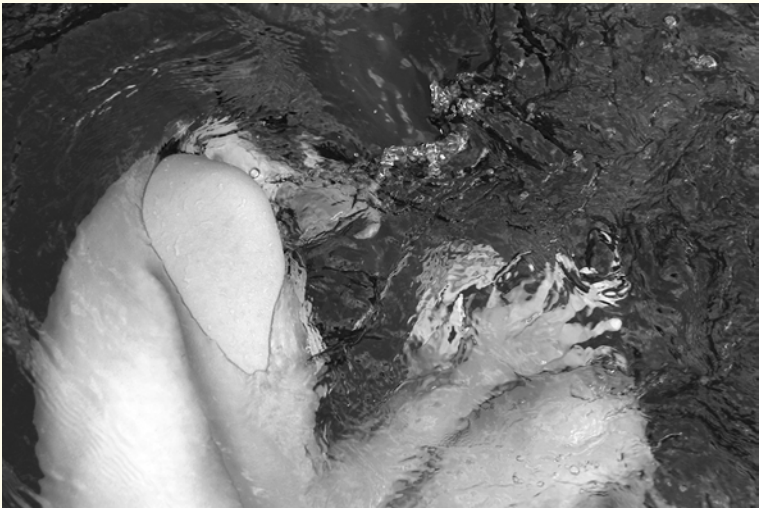
¹ Alves, 2021, p168-169

Deitei sobre o piso da sala e outra pessoa margeou meu corpo com uma linha. Usou uma caneta tampada, perpendicular ao chão, meu corpo-parede. Senti a linha, talvez mais linha do que corpo, um continente de olhos fechados.

Anos antes, me privei de sentir qualquer linha capaz de escrever sobre onde estavam meus pés. De olhos abertos, eu sabia que eles estavam sobre a maca, sobre os apoios da cadeira, ou recebendo estímulos de um neurologista. Todos os dias uma caneta tampada riscava a linha na planta dos meus pés na expectativa de medir o quanto se moviam. Não sinto os pés, não sei contar da extensão de meu corpo, sinto que sou onde estou, sem dentro nem fora. Sou o leito hospitalar, o que me passa à mente, imunoglobulinas de outro ser, diário de quase-mapas de minha sensorialidade.

Sinto pele até a metade de baixo,
da metade das costas,
metade do rosto
paralisado à esquerda
corpo-península.

Assim nomeei a reabilitação da Síndrome de Guillain-Barré: envolver as pernas com argila até formar uma camada tão pesada quanto os quilos de suas pernas, quilos constantemente empurrados para o centro da Terra. Esperar secar, erguer-se, caminhar. Um exercício de craquelar a argila pouco a pouco, força aplicada a nanoespaços. E em algum tempo, mover algum todo.



SÉRIE GUILLAIN-BARRÉ. CAMILA TORRES E PEDRO KARG.
FOTOGRAFIA, 2014

“ Entre o ‘eu’ e o ‘espaço’, só há minha pele. Esta é um receptáculo, um porta-impressões do mundo ao redor que me esculpe.
(...)
Pele-limite ou pele-bolsa, pele-divisão ou pele-imersão, pele cega ou pele decifradora de formas.

DIDI-HUBERMAN²

² Georges Didi-Huberman sobre o trabalho de Giuseppe Penone (2009, p70)

Mover sobre a Terra é voltar-me para as relações, corporificada.

**Pele-contato,
o que tem fora que reconheço dentro?**

Para se mover algum todo, foi necessário perturbar a propriocepção por meio de uma *transpercepção* — verbete que invento para designar uma abordagem sensorial que busca superar a fragmentação, e promover a cooperação entre os diferentes estímulos e os órgãos que os recebem e os decodificam. A intenção é tornar o movimento mais completo, na medida da minha realidade. Não por acaso, o verbeta é mera adaptação da transdisciplinaridade pensada por Edgar Morin.

A transpercepção não requer necessariamente uma disciplina, mas precede o auto-cuidado e a disponibilidade para os fenômenos dos quais participamos — “é iminente que os caminhos da rede sensorial sejam organizados em virtude de sua imersão no ambiente.”³

O ambiente-cúmplice de minha reabilitação está ancorado no Cerrado, o bioma que conecta todos os demais no centro do Brasil. O Cerrado esteve presente, mesmo quando ausente, no resgate de minhas capacidades de sentir e agir. Senti-me amparada por suas águas, rochas e plantas. Presenças que me (re)esculpiram, todas confluindo para que eu me (re)ergue-se e (re)caminhasse — manifestação do fluxo de “uma força que rende, que aumenta, que amplia.”⁴

3 Ingold, 2000, p2, tradução nossa.

4 Bispo Dos Santos, 2023, p15

Parafraseando Emanuelle Coccia, eu sou a reação dos múltiplos tempos na superfície do Cerrado⁵. O tempo espiralado cerratense nos oferece quase-ciclos que intercalam períodos de chuva e seca. Foi no inverno, quando os tons terrosos mais aparecem, que seus rios tornaram mais leve o peso de uma força gravitacional que desafiava a mobilidade de minhas pernas.

Meus gestos mínimos e olhares, minha vibração corporal, silêncios e arrepios, minha sensibilidade; enfim, em tudo que sou, e nos modos como sou, reconheço uma cosmopercepção orientada por esse bioma, de onde vim e para onde retornei.⁶

Daqui, a Terra não me parece um pálido ponto azul⁷.
Junto à planta dos pés,
sou parte de um vasto plano marrom,
ocre, cinza e dourado, repleto de verdes.

Toda essa superfície é dotada do ato de nos tocar.
“Ela nos toca assim como a tocamos, dura ou suavemente.”⁸

5 Frase original: “Eu sou a reação dos múltiplos tempos na superfície de Gaia” (Coccia, 2020, p24).

6 Pensamento fundamentado em Martins, 2023.

7 Em referência à fotografia icônica “Pálido Ponto Azul” tirada pela sonda Voyager 1 da NASA em 14 de fevereiro de 1990.

8 Bachelard, 2019, p20



SÉRIE GUILLAIN-BARRÉ. CAMILA TORRES E PEDRO KARG.
FOTOGRAFIA, 2014

Me atento a perceber relevos de baixa estatura, como aqueles que figuram indícios da presença dos cogumelos matsutake — aquela espécie que põe Anna Tsing a dançar em meio a ruínas. É me aproveitando desse nível mais baixo, onde me desloco em rastejo, que reparo fissuras de rochas lisas e escorregadias.

Onde estão os traços invisíveis arrastados por mim?

Quanto de matéria neles se depositam e formam corpo comigo?

Chega a mim um laudo placentário de minha mãe, emitido quando eu tinha duas semanas de parida. Leio: “A superfície placentária materna está rota, mas completa, exhibe vários cotilédones e evidencia salpicos escassos de calcificações.” Me surpreende ler, naquele contexto, a palavra *cotilédones*, que até então me remetia somente a uma espécie de protótipo de folhas de uma planta.

Aprofundo no tema e descubro que, na face materna daquela placenta — que já formou corpo comigo — havia várias estruturas essenciais para a minha nutrição, interligadas com “caules placentário”, conhecidos também por árvores vilosas ou vilosidades coriônicas⁹. Imagino a concavidade da placenta que me envolvia composta por um conjunto de vilosidades formando o que popularmente conhecemos por árvore da vida. Do outro lado, na face convexa do meu domo particular, os cotilédones estavam intimamente conectados com aquela árvore.

Nas plantas, cotilédones também são responsáveis pelo fluxo de nutrientes no embrião. São os primeiros órgãos que se desdobram da semente, deixando parte de seu invólucro — camadas de proteção da semente — para trás. Em dado momento de seu desenvolvimento, adaptam-se ao caule da planta como folhas efetivas. Quando amadurecidos,

⁹Hans-Georg, 2017

sob sua estrutura podem brotar “jovens olhos”, dos quais emergem ramos completos¹⁰.

Folhas e ramos podem fluir em desenvolvimento regular, replicando-se por meio da contração e expansão. Tudo é o mesmo se diferenciando. Como nós.

¹⁰Goethe, 2019

Laboratório de Patologia e Prevenção de Câncer Ltda.

ANATOMIA PATOLÓGICA E CITOPATOLOGIA

CGC(MF) 00.626.754/0001-51

INSCR GDF 042322 5

MATRIZ:

CASA DE SAÚDE SÃO BRAZ

ENTREQUADRA 713/913 SUL

FONE : 245-2346

BRASÍLIA

DISTRITO FEDERAL

FILIAL:

ED RÁDIO CENTER

SRTN QUADRA 702 - BLOCO P - SALA 1.063

FONE: 226-2118 - CEP 70.710

BRASÍLIA

DISTRITO FEDERAL

DR. BALBINO GONÇALVES DOS SANTOS - CRM-DF 1994

DR. CHU-EN LAY PAES LEME - CRM-DF 2761

DR. JOSÉ CARLOS SEGURA - CRM-DF 2278

NOME:		N.º
MARIA DAS GRAÇAS LOMBARDI		435/87
IDADE:	SEXO:	ESTADO CIVIL:
35 ANOS	FEMININO	CASADA

MATERIAL: Placenta
NATUREZA DO EXAME: Anátomo-patológico
MÉDICO QUE SOLICITA: Dr. Paulo

RESULTADO

MACROSCOPIA: Placenta medindo 20,0 x 17,0 x 3,0 cms, de forma ovóide e pesando 600,0 grs.

O cordão umbilical mede 80,0 x 1,2 cms, apresenta inserção do tipo para central, cuja menor distância à margem placentária mede 6,0 cms..Exibe cor branco-perolado, geléia de Warthon habitual, e aos cortes apresenta uma artéria e uma veia.

As membranas são completas de cor róseo-acinzentadas, inserindo-se na margem placentária e distando a menor distância da rotura à margem placentária 6,0 cms.

A face placentária fetal é de cor cinza-azulada apresentando vasos de distribuição marginal e deixa transparecer placas de fibrina subjacentes.

A superfície placentária materna está rota mas completa, exibe vários cotilédones e evidencia salpicos escassos de calcificações.

Aos cortes apresenta superfície de cor vinhosa de consistência esponjosa.

continua...

“As respostas ao ambiente que se manifestam com um movimento são comumente conhecidas como tropismos”¹¹. Na botânica, o tropismo é caracterizado por um crescimento acentuado e direcional dos órgãos de uma espécie vegetal.

Ao conhecer esse conceito, me interessou acrescentar à transpercepção gestos que possam provocar o crescimento das habilidades perceptivas dos órgãos, ao invés do crescimento de sua estrutura física. Por exemplo, o tigmotropismo descreve o crescimento de uma planta em resposta a estímulos decorrentes do seu contato com uma estrutura sólida. Mover-se em nível baixo, priorizando o contato com o solo, poderia aumentar as habilidades perceptivas de nossa pele.

Entendo as plantas como seres que conseguiram verticalizar a água. Por isso, acredito que o tipo de tropismo que elevaram suas espécies aos estratos superiores possa inspirar outros gestos que habilitem o erguer de um corpo humano.

¹¹ Mancuso, 2019, p30

O geotropismo corresponde ao crescimento orientado pela gravidade e possui dois eixos de atuação sobre um organismo: o negativo e o positivo. Quando notamos o desenvolver das raízes se direcionando ao centro da Terra, seu crescimento é regido pelo geotropismo positivo. Na outra extremidade, os caules se movem contra a força da gravidade, tencionados por um deslocamento a favor da luz. Portanto, os caules se movimentam em geotropismo negativo¹².

Ao corporificar essas referências, faço uma visualização comum a terapias somáticas. Espalmo a planta dos pés sobre a superfície, busco o contato máximo entre pele e chão. Flexiono sutilmente os joelhos, para que a pressão sobre meus dedos, metatarso e calcanhar, aumente. Imagino raízes que saem de mim e seguem em direção ao núcleo terrestre. Firmo ali, no magnetismo de um ponto imaginário. Me torno uma protuberância da Terra, que, por sua vez, reage à pressão que faço me empurrando em sentido oposto. Em geotropismo negativo, busco empilhar pernas e coluna em direção à zênite – ponto imaginário na esfera celeste, acima de minha cabeça.

12 Mancuso, 2019

Sinto minha transpercepção se desenvolver feito planta
Num corpo aterrado
Corpo cru
com os elementos da Terra.

Crescimento para cima e em direção ao solo,
simultaneamente
Erguer-se é uma articulação com o que vem de fora.



SÉRIE GUILLAIN-BARRÉ. CAMILA TORRES E PEDRO KARG.
FOTOGRAFIA, 2014

A caminhada humana é um jogo de oposição de braços e pernas. A planta também faz jogos de oposição para subir, o que gera sua tridimensionalidade¹³. Ela espelha sua forma em espiral ascendente, multiplica sua estrutura, se diferencia, se auto-cria e evolui por meio de uma resiliência que lida, a todo tempo, com problemas de sobrevivência. Já os animais, eles prosperam evitando, ativamente, zonas de risco.¹⁴

Nossos corpos se desenvolveram em resposta às pressões exercidas pelo ambiente físico, tal como termos pernas fortes para ficarmos eretos a fim de obter uma vista melhor sobre o capim alto das savanas e correr escapando (ou talvez na direção) daquilo que víamos.

Eu, situada na savana Cerrado, sou um ponto de observação, posto em movimento, descrevo um caminho¹⁵. Me sinto geonauta, uma navegante da Terra, no sentido definido por Levi Orthof¹⁶. Um tipo que “olha, desenha, ta-teia, filma, registra e toma notas do que percebe”. Coleciono “uma constelação de vocabulários, noções e imagens para compor uma *paisagem cósmica*”.

13 Notas da vivência “Dança e a metamorfose das plantas”, conduzida por Maria Noujaim, 2021.

14 Mancuso, 2019

15 Ingold, 2018

16 2021, p15-17



SÉRIE GUILLAIN-BARRÉ. CAMILA TORRES E PEDRO KARG.
FOTOGRAFIA, 2014

Afrouxei as distâncias
aterrei realidades e ficções
quis fazer disso costura
Primeiro, pensei plano
Depois, o movimento escreveu esta tese.

Neste momento, sou corpo adulto, corpo torno
Trago em mim escalas de uma vida terrestre
escalas micro, macro, intra e entre
Neste momento,
não desejo ser mais-que-humana.

Sobre o futuro
ser húmus
e de lá, me recompor Terra.

paralelos e meridianos

Revelação e documentação da materialidade do corpo humano, suas marcas e vistas potenciais. Pele como paisagem que aproxima “a escala íntima e humana à vastidão infinita do cosmos.”¹⁷

17 Barcellos; Pitta, 2024



EPIDERMIC SCAPES, SÉRIE. VERA CHAVES BARCELLOS.
FOTOGRAFIA, 1977-1982

Metamorfoses e simbioses que relacionam as vidas de uma parteira, uma jardineira e de plantas. O tempo para se fazer contato em meio à matéria seca, enquanto vemos formas que habitam, pelo menos, três níveis acima da superfície.



SOPRO: UMA INSTALAÇÃO COREOGRÁFICA. MARCIA REGINA.
ESPETÁCULO DE DANÇA, 2022

Travessia em caminhada e rastejo pelas copas de árvores, no inverno.



LEANING INTO THE WIND: ANDY GOLDSWORTHY. DIREÇÃO DE
THOMAS RIEDELSHEIMER. LONGA-METRAGEM. 97MIN, 2017

fitando pedras

É uma continuidade de duas ações realizadas por mim durante a Residência das Plantas realizada em 2022 em parceria com artistas do ateliê Bananal (Barra Funda, São Paulo). Traz fabulações sobre fronteira apoiadas no gerúndio – voz ativa própria do agir – e em trechos de narrativas publicadas em ensaios do livro *Terra: uma antologia afro-brasileira*. Sobre estes, proponho uma curadoria que apresenta, de maneira linear, manifestações afro-indígenas sobre a demarcação da Terra. Há pensamentos escritos e interrompidos por ¶ (*pilcrow*) e § (*signum sectionis*, ou sinal de seção), elementos gráficos que correspondem, respectivamente, à marcação invisível de parágrafos em *softwares* de formatação de textos, e ao símbolo de parágrafos específicos de textos jurídicos. Ademais, aqui se apresenta uma diretriz projetual da permacultura e o conceito de *anômalo* por Deleuze e Guattari, autores que foram referência para a residência.

observe e interaja.

Foi ao fixar uma instrução que iniciei ciclos de percepção sobre protuberâncias rochosas da Terra. A instrução, sustentada por dois verbos, formula um dos princípios do design permacultural¹ que, talvez, melhor descreva meus processos íntimos para lidar com os encontros da vida. Na ocasião, eu estava mediadora de uma residência artística, tencionando possibilidades para avistarmos fronteiras e fazermos escolhas: assumi-las, diluí-las, amplié-las, optar por nada fazer. Propus um exercício de leitura de paisagem a partir do viés permacultural, de modo que nossa percepção espacial fosse orientada a identificar características locais usando, além da visão, outros sentidos como audição, tato, olfato e paladar.

Estávamos numa Serra situada na tríplice fronteira entre três estados da região sudeste brasileira. O contexto trouxe para o grupo de residentes aspectos das *estruturas invisíveis* — uma denominação utilizada pela permacultura —, já que, em contato com pessoas locais, havia relatos sobre sistemas e padrões não-físicos que moldavam

1 A metodologia do Design Permacultural baseia-se no planejamento de ocupação humana sustentável: define objetivos a partir das necessidades e da percepção de características do local, aplica uma estratégia para uso de recursos e serviços prezando pelo cuidado com a Terra, com as pessoas, avaliando limites e possibilidades de partilha de recursos excedentes.

as interações e os fluxos sociais. Essas estruturas invisíveis que testemunhamos implicavam, por exemplo, na organização e na interação entre pessoas da região, em narrativas sobre a ocupação de áreas, na relevância dos eventos da escola pública, na mobilização de parcerias junto a uma horta cuidada por uma anciã da comunidade, na privatização de fontes de água limpa que brotavam, naturalmente, das montanhas da Serra.

Não era esperado que, ao inscrever “Observe e Interaja” naquela pedra, situada naquele contexto, eu estivesse fazendo aliança com o anômalo.

Como apresentado por Deleuze e Guatarri², o anômalo provoca algo que opera entre o aleatório e o predestinado, age como um fenômeno de borda. Acontecimentos posteriores ao fixar da instrução foram provocados tanto pelos verbos palavras como pelo agente que os sustentou no espaço: uma fita crepe.

2 Livro "Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia - Vol. 4", 1997

Aconteceu assim
Vaguei pelo jardim
Busquei localizar o dispositivo poético
Observe e interaja
Às proximidades de uma sombra
Superfície rochosa
Observei
A mesma fita crepe que fixou outros dispositivos
em portas, vidros
usei para amarrar.

Era uma de muitas
pedras
Observei
somente topos de rocha aparente
profundidade oculta pela Terra
Interagi
Segui fitando
Transbordei
linearmente
no entanto
multipliquei
Corpo em fita

“Eis nossa hipótese: uma multiplicidade se define, não pelos elementos que a compõem em extensão, nem pelas características que a compõem em compreensão, mas pelas linhas e dimensões que ela comporta em ‘intensão’”³ – aumento de tensão, intensidade.

Segui os dias fitando as pedras de um jardim. Segui fascinada, caminhada rochosa em estado de feitiço. Enquanto rolos de fita acabavam, outros chegavam. E eu segui. Fitando. Permaneci em dias de um devir-fita-crepe, tornei-me giro.

3 Deleuze; Guatarri, 2009





FITANDO PEDRAS I. CAMILA TORRES.
AÇÃO EM SÍTIO ESPECÍFICO.
FOTOGRAFIA DE GABRIEL TYE, 2022
<https://youtu.be/YQXeMCVxH44>



O anômalo abriga afetos⁴, ele perturba um bando, uma matilha, de artistas, nesse caso. A multiplicidade do anômalo, oriundo de minha primeira ação, bordejou pedras e afetou posições tempo-espaciais de quem avistava ou estava no jardim.

Pessoas passaram a notar pedras anteriormente situadas na (in)visão

Desenharam suas profundidades ocultas

Pularam pedra-a-pedra, somente pisando no centro da zona fitada

Tiraram *selfies* dos pés com uma pedra

Fotografia de um catálogo

⁴ Deleuze; Guatarri, 2009

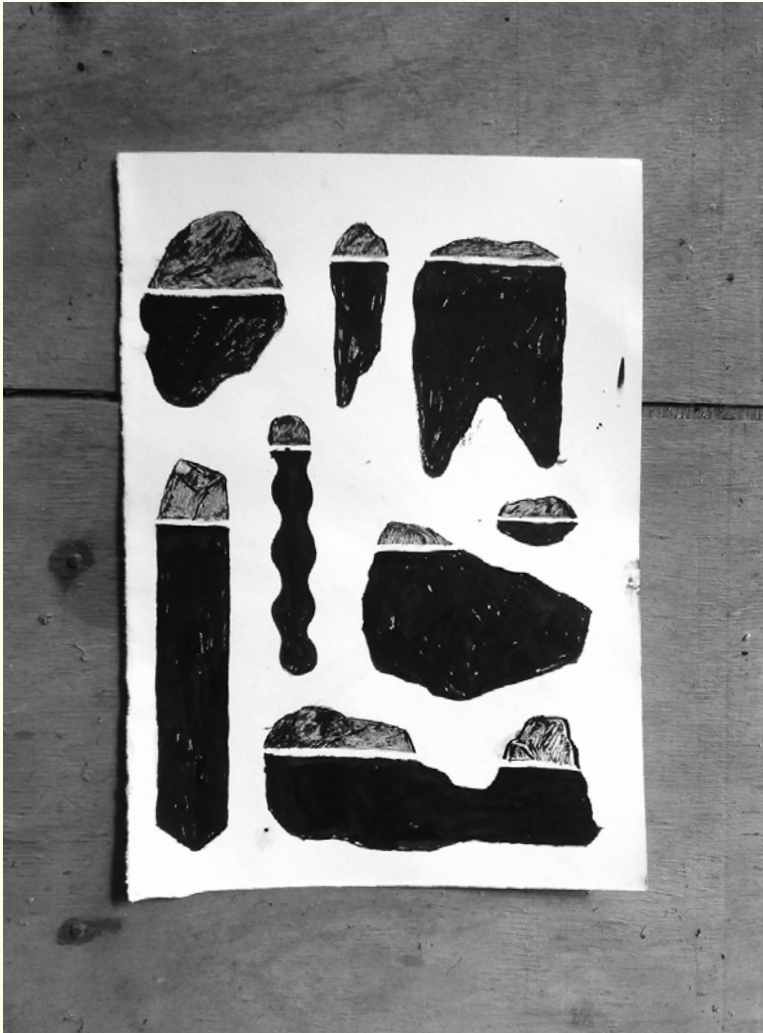
“ De todo modo, haverá bordas de matilha, e posição anômala, cada vez que, num espaço, um animal encontrar-se na linha ou em vias de traçar a linha em relação à qual todos os outros membros da matilha ficam numa metade, esquerda ou direita: posição periférica, que faz com que não se saiba mais se o anômalo ainda está no bando, já fora do bando, ou na fronteira móvel do bando.

GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATARRI⁵

5 Deleuze; Guatarri, 2009



FOTOGRAFIA DE GABRIEL TYE, 2022



DESENHO DE BRUNA XIMENES, 2022

Pessoas observaram e interagiram. Ação que provocou a percepção do espaço, mobilizou corpos em um jardim. Em fascínio, hipnose, hiperfoco e/ou compulsão, meu corpo girou sobre e ao redor de pedras por dias. Percebi ruídos de fita em pensamentos ordenados por pedras.

Volto às referências em permacultura:

“ A paisagem é o livro-texto. O mundo natural fornece uma tal diversidade de material de objeto para o observador e designer que nós podemos caracterizar a paisagem como o livro-texto a ser seguido.

DAVID HOLMGREN⁶

⁶Holmgren, 2013, p71

O que leio nesse livro-texto onde acontece uma intervenção, artificial, agenciada por um corpo-fita?

¶ giro fitando órbita da primeira pedra contraste crepe
pedra ¶ primeira evidência seguindo para outra girando
há quantos centímetros do chão ou talvez da grama esse
chão também é pedra ¶ só fitando e girando ¶ passadas
outra evidência aproximando ¶ crepe pedra em outro
desenho já são três figuras flutuando enquanto girando
olhando para baixo fitando o que não via ¶ formas
circulando quanto de crepe quanto de área que tamanho
método de superfícies ¶ puxando parte da fita polegando
o indicador com crepe ¶ caminhando sobre a linha
curvando em centímetros curvando em milímetros
traçando avante ¶ agora pedra orbitando girando sobre
meus pés nos seus cumes seguindo em crepe pedra crepe
pedra crepe pedra crepe pedra crepe pedra crepe pedra
crepe pedra larga pedra crepe pedra crepe pedra crepe
pedra avançando ¶ girando mais alto mais baixo existindo

quanto de pedra abaixo da pedra já quanto de crepe acima
da pedra a próxima pedra ¶ me perguntando se existe fim
tudo rodando uma duas três quatro cinco pequeninas
pedras ¶¶¶¶¶ uma linda trilha num lago verde pedras
miúdas pedras em o ¶ aproximando sombra puxando
fita apoiando dedos pressionando fita seguindo em crepe
¶ pedra crepe pedra crepe pedra crepe pedra crepe musgo
crepe pedra musgo parando ¶ não sabendo quantos
anos o musgo se espichando feito samambaia outros tantos
dilatando naquele tronco muito depois da pedra na terra
continuando passando por cima ¶ bordeando alcançando
território rearranjando demarcando separando musgos
abaixo da fita crepe musgos acima da fita crepe isolando
musgos orbitando a pedra musgos quase grama sendo
quase chão estrada branca colonizando ¶¶¶¶ alguém
me chamando ¶ só mais uma pedra aqui fitando ¶ dia 1

Quando distraída, meu foco deixava de ser duro e voltava-se à plasticidade do lugar. Um jardim coberto por linhas, todas, aparentemente, brancas. Todas fechadas em si mesma, todos lendo o dentro e o fora.

O livro-texto da paisagem se tornou mapa traçado por uma caminhada em giros. Abri um mapa sem saber como, onde, quando, porquê, se vou, fechá-lo. Hakim Bey⁷ escreveu que habitamos um mapa político em que “o último pedaço da Terra não reivindicado por uma nação-Estado foi devorado em 1899”, tempo limítrofe entre o século 19 e o 20.

Nessa mesma virada de séculos, a história da região onde aconteceu a residência foi atravessada por zoneamentos em decorrência do ciclo do café, da extração de madeiras, de apostas em produção agrícola e de carvão. Os eventos decorrentes dos usos e explorações da terra culminaram em uma ocupação desordenada e em sua fragmentação como território⁸.

Existe uma lenda que narra, ainda, uma disputa na região anterior às ambições econômicas. Essa lenda ronda a Pedra Sonora, um monumento natural que teria ajudado um indígena Puri ferido a pedir socorro. O local ao qual a

7 Bey, s.d, s.p.

8 Portal da Serrinha, s.d.

Pedra Sonora pertence teria sido de interesse das etnias Puri e Coroadó e, após uma flecha do povo Coroadó ter atingido o pescoço do indígena Puri, ele teria golpeado a pedra com seu machado, que ecoou um som pela encosta. O som teria convocado seus companheiros, e ele teria sido salvo. Desde então, nenhum indígena teria saído “para caça, pesca ou guerra, sem antes passar pela pedra, bater e pedir proteção contra um possível desastre”⁹.

⁹ Prefeitura Municipal de Rezende, s.d.

Sigo caminhando, articulando legendas no lugar das lendas. Abri o mapa para outros pensamentos, outros transbordamentos, multiplico para reduzir: "Tudo era uma grande aldeia antes de ter fronteira."¹⁰

10 Patrícia Ferreira Pará-Yxapy, 2022, p68

§ o Xingu foi criado em 1961 e corresponde à primeira
terra indígena demarcada no Brasil § a Constituição de
OREME IKPENG – REDE DE SEMENTES DO XINGU
1988 disse que nós temos direito a regularizar as nossas
terras pela escrita o que é uma agressão porque pela
escrita nós passaríamos a ser proprietários da terra a
terra não nos pertence nós pertencemos à terra § no
NÊGO BISPO – QUILOMBOLA DA COMUNIDADE SACO DO CURTUME
decorrer das décadas de 1950 1960 1970 várias famílias
extensas guarani e kaiowá foram expulsas dos seus
territórios e dispersas não pertencendo aos locais para
onde haviam sido transferidos também eramos obrigados
a lutar por um lugar dentro destes novos espaços § o
TONICO BENITES – PORTA-VOZ DA ATY GUASU
território onde estou é aldeia também para além das
fronteiras imaginárias que foram criadas para ele para
além dos muros invisíveis criados para nos separar para
nos dividir ou para nos limitar § somos nós que
GLICÉRIA TUPINAMBÁ – ALDEIA SERRA DO PADEIRO
demarcamos a nossa terra somos nós que dizemos por

onde ela passa e como ela vai valer § no momento da
CACIQUE BABAU – TUPINAMBÁ DA SERRA DO PADEIRO

origem a divindade definiu para cada ser seu espaço de
vida seu território seu comportamento e sua função na

Terra sua língua sua alimentação sua forma de caminhar

IZAQUE JOÃO – PESQUISADOR DO POVO KAIOWÁ

§ por isso além da retomada do território estamos

fazendo a retomada da língua xakriabá também § temos

NEI LEITE XAKRIABÁ – ALDEIA BARREIRO PRETO

as nossas próprias formas de organização e ocupamos e

usamos os territórios ou maretórios é este o termo que

gostamos de utilizar e os recursos naturais como condição

para nossa reprodução seja cultural social ou econômica

PESCADOR CARLINHOS – RESERVA EXTRATIVISTA DE CANAVIEIRAS

§ percebemos que precisamos ter uma terra grande para

poder dizer esta terra é do nosso povo que é antigo é por

ISABEL MAXAKALI E SUELI MAXAKALI – VALE DO MUCURI

aqui que ele passou § primeiro terra e território nosso

princípio em seguida como existir na terra e no

JOELSON FERREIRA DE OLIVEIRA – ASSENTAMENTO TERRA VISTA

território § a oportunidade que este pedacinho de terra

está me dando é a de seguir minha formação humana

MAKOTA KIDOIALE – QUILOMBO MANZO

No último dia da residência destruimos o mapa
Circulamos pedaços de fita em esferas
Pessoas jogando vôlei com bola feita de fita
Crepe
Sou uma delas.



Chamo a ação aqui exposta de *Fitando Pedras*. Como acontece no ato de esculpir, o percurso me possibilitou o toque em superfícies com os olhos e com as mãos, e tive meus pensamentos tocados pelo invisível daquilo que via. Recordo do comentário de Georges Didi-Huberman sobre a *leitura tátil* inferida dos decalques do escultor Giuseppe Penone, uma leitura “produtora de conhecimento íntimo, aproximada, mas, por essa mesma razão, privada da distância habitual a nossas objetividades”¹¹.

Aproximo a paisagem que é livro-texto à possibilidade de uma leitura tátil. Leio palavras do próprio Penone ao se referir à obra *Pálpebras*, a qual resultou em uma imagem ampliada, fixada em um muro, dos relevos da pele que recobre seus olhos: “Ao longo de meu trabalho, aprendia mais sobre meu corpo que sobre a superfície do muro. Era como andar na minha pele, e ademais, era andar na pele do espaço”¹².

Apesar de não definir minha ação por escultura, reconheço o envolvimento do meu corpo como instrumento que possibilita uma imersão tátil em diferentes escalas. Em *Fitando Pedras*, vago, no tempo de uma caminhada, pelas escalas da visão e do tato. Mantive uma perspectiva

11 Didi-Huberman, 2009, p69

12 Penone apud Didi-Huberbanm, 2009, p69

sobre as pedras em *plogée*. Avistava a topografia do alto. De certa forma, eu sabia quais superfícies tatear — aquelas que estavam abaixo de mim.

Derivei *Fitando Pedras* em uma segunda ação, na qual o percurso não se acomodou em *plogée* e a fita-crepe foi subtraída. Me orientei pela instrução de observar e agir, entre corpo e pedra, pelas linhas que bordeavam zonas visíveis da paisagem — vistas por olho e pele.

Segui em escala feral, distante da docilidade daquele jardim. Rochas, em parte ocultas, contornavam e orientavam o trajeto do rio que as esculpia. Busquei andar na ‘trilha desaparecida’, renunciar às formas previsíveis, e reencontrar um modo de caminhar na inevidência dos limites das pedras¹³.

13 Trecho que parte da definição de esculpir, feita por Penone, e apresentada por Didi-Huberban, 2009, p78

Aconteceu assim



FITANDO PEDRAS II. CAMILA TORRES.
AÇÃO EM SÍTIO ESPECÍFICO. FRAMES DE VÍDEO.
CAPTAÇÃO DE IMAGEM GABRIEL TYE, 2022
<https://youtu.be/zU1j8BDXlnA>









FITANDO PEDRAS II. CAMILA TORRES. AÇÃO EM SÍTIO ESPECÍFICO.
FRAMES DE VÍDEO. CAPTAÇÃO DE IMAGEM GABRIEL TYE, 2022



Me pergunto se contornar decididamente enormes pedras, cair e levantar, apoiar num galho fino para manter a ação em hiperfoco, não deve ter sido o momento mais selvagem vivido por mim durante residências artísticas. Eu, a água, as pedras, o cachorro, os musgos, um cineasta na distância da câmera, e todas as outras presenças que senti, e que eu não via. Fui assistida.

paralelos e meridianos

Recorte de uma fita moebius, em tempo sem limite, em espaço contínuo.

Caminhando possibilita a escolha e o imprevisível, cortar a fita branca à direita e cortar à esquerda de um corte já feito. Escultura neoconcreta, obra como ato. Sobre as arquiteturas nascidas ao mesmo tempo de *Caminhando*, Lygia Clark descreve uma “nostalgia de ser uma pedra úmida, um ser-pedra, à sombra de uma árvore, à margem do tempo.¹”

¹ Clark, 1963



CAMINHANDO. LYGIA CLARK. RECORTE EM PAPEL, 1964

Definição impositiva de um limite humano,
que contém e modula o tempo-espaço da Terra.



CONTINUERÀ A CRESCERE TRANNE CHE IN QUEL PUNTO.
GIUSEPPE PENONE. ESCULTURA, 1968-2003

Imanência de um traço que não envolve nem
adição nem subtração de materiais.
Talos de grama curvados pelo ir e vir abrem a
vista de uma linha em plongée.



A LINE MADE BY WALKING. RICHARD LONG. FOTOGRAFIA, 1967

O fascínio de Maria Reiche, que dedicou sua vida a uma imersão tátil para medir, estudar e limpar as Linhas de Nazca – um livro-texto pré-inca traçado na superfície rochosa, longa e estreita de um deserto. Ali é possível ler um calendário celeste, ciclos agrícolas, um sistema para orientar naves espaciais do passado, grafismos de cunho religioso ou social e, ainda, desenhos de contraconstelações.



MARIA REICHE MEDINDO AS LINHAS DE NAZCA.
FOTOGRAFIA DE AUTORIA DESCONHECIDA, C. 1972

ser selvagem

Descreve tentativas de estar na Terra com sentidos afiados e múltiplos, de modo que seja possível estar e transitar entre mundos pela alteridade. Das fotografias que o compõe, uma capta, a distância, o momento em que eu observava a vida de inúmeros musgos agarrados a - ou sendo parte de - uma cachoeira; a outra é um registro do momento em que eu e demais residentes da primeira edição da Residência das Plantas (2021) fomos, em bando mascarado, a um poço encantado do município de Patrimônio da Penha-ES. A escrita aproxima narrativas ameríndias do relato da antropóloga Nastassja Martin sobre seu encontro com urso, para que sejam evocadas conexões viscerais e sutis entre os humanos e as demais existências terrestres.

**como ser e estar noutras dimensões,
noutros tempos?**

Tornar-se selvagem requer decolonizar a mente,
afiar os sentidos e readquirir habilidades.

Lembrar-se
Talvez
Ser quadrúpede
Mudar o nível
Voltar a rastejar
Saber
com o corpo
ser parte
de um todo.



FOTOGRAFIA DE JULIANA COLLI, 2021.

“

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo ‘não estou para conversa hoje’, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: ‘Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser’.

AILTON KRENAK¹

¹ Krenak, 2020, p18

Os Krenak se comunicam com a montanha, reconhecem sua cara. Os Kaiowá se comunicam com árvores e os pássaros lhe dizem em que estação do ano estão, se é tempo bom para plantio ou para pesca, “se vai ter vento forte”².

² Izaque João, 2023, p109

“ Seu Atanásio Teixeira, um rezador muito importante para os Kaiowá, (...) me contou que, nos tempos primordiais, os nossos ouvidos humanos foram cobertos com sete camadas de algodão sagrado, mandiju ete, o que nos impede de ouvir e compreender as línguas de outros seres, diferentes de nós. (...) O mesmo acontece com nossos olhos. Seu Atanásio me disse que nossos olhos também estão cobertos por camadas que nos impedem de enxergar a forma original dos seres.

IZAQUE JOÃO³

³ João, 2023, p113

Ele também falou que, para compreender o canto dos pássaros, são necessárias muitas etapas de aprendizagem. Por meio de uma prática contínua, as camadas que cobrem ouvidos e olhos são retiradas, possibilitando outras trocas com seres terrenos.

Li o depoimento de uma não indígena chamada Nastassja Martin sobre o momento em que seu olhar encontrou os olhos de um urso: “O que está por baixo do rosto, o fundo humano dos bichos é o que meu urso viu nos meus olhos”⁴. Ela trata o urso como seu porque aquele contato instaurou uma colisão visceral de corpos. O ataque remodelou sua mandíbula e parte de sua cabeça, reconfigurou sua existência enquanto humana e antropóloga. Dali em diante, Martin passou a ser metade mulher, metade urso, tornou-se *miêdka*, “aquela que vive entre os mundos.”⁵

Penso sobre “o fundo humano dos bichos” e recorro do perspectivismo ameríndio teorizado por Eduardo Viveiros de Castro. A abordagem filosófica de Viveiros de Castro remete ao pensamento de indígenas amazônicos, enquanto Martin se expressa de maneira semelhante à teoria, mesmo que sua pesquisa e encontro com o urso tenham se dado na Sibéria Oriental, em contato com os

4 Martin, 2022, p90-91

5 Martin, 2022, p23

evenos (*evens*), um povo do grupo etnolinguístico tungúsico, cujos hábitos remetem à caça, à pesca e a pastorear renas⁶. Reconheço similaridades não somente na expressão própria de Martin, como também no momento em que a autora faz referência ao pensamento de um nativo do contexto dos evens: “Para Vássia, ver o humano que vê o urso ou o urso que vê o humano é figurar reversibilidade; descrever um confronto em que a alteridade *a priori* radical é, na verdade, a proximidade maior; um espaço em que o um é reflexo do seu duplo no outro mundo”⁷.

Me pergunto sobre a existência de outro(s) mundo(s), onde poderiam habitar duplos da vida que percebo em mim e ao meu redor. Volto à cosmologia Kaiowá:

6 Antón, 2021

7 Martin, 2022, p88-89

“ os seres habitam dois planos: o plano terrenal, localizado na Terra; e o plano divino, localizado no além, denominado yvy rendy, patamar divino. (...) Os moldes originários das plantas e dos seres sagrados encontram-se no yvy rendy, que não é a Terra que estamos pisando, mas é uma Terra que está além da nossa imaginação e que nossos olhos não conseguem enxergar. Os ñanderu (rezadores Kaiowá) contam que o que vemos, com nossos olhos, aqui no plano terrestre, como planta, árvore ou animal, na realidade tem forma humana no yvy rendy. As mesmas árvores que vemos aqui, se fossemos lá, do outro lado do mundo, no além da Terra, no yvy rendy, as enxergaríamos como pessoas que caminham, mas o seu andar não é igual ao dos animais ou ao dos humanos. A caminhada vegetal é considerada mais bonita.

IZAQUE JOÃO⁸

8 João, 2023, p105-106

Ao narrar o pensamento Kaiowá, Izaque João faz uma ressalva sobre a interpretação do perspectivismo ameríndio que julga animais e outros seres como “ex-humanos”. Ele explica que a diferença entre os seres não se trata de uma roupagem de planta ou animal que oculta uma alma humana, tampouco de uma evolução. As especificidades de cada ser foram estabelecidas no princípio da vida, em um tempo-espaço definidor dos comportamentos, dos lugares do pertencimento e dos tipos de relação entre seres⁹.

Caminho nas leituras de maneira curiosa. Me pergunto como ter olhos que possam enxergar uma Terra além.

9 Id.

“

Se, então, formos restaurar a humanidade por meios genuinamente indígenas, botânicos, magnéticos ou naturais, sejamos primeiramente simples e fiquemos bem, como a natureza, afastemos as nuvens de sobre as nossas testas, e deixemos entrar um pouco de vida em nossos poros¹⁰.

H. D. THOREAU

¹⁰Thoreau, 2018, p71

Deixar entrar quanto de vida? Qual vida? Um urso de vida foi muito mais que pouco para Nastassjia Martin, foi uma revolução¹¹. Daqui onde estou, sob a pele que sou, ser selvagem requer, talvez, ser outro ser.

Escuto o aviso de Jerá Guarani: “tornar-se selvagem não é algo que pode acontecer de um dia para outro; implicaria momentos de muita dedicação e de muito trabalho por parte de vocês, não indígenas”¹². E aceito o convite que segue o aviso – “Gosto de chamar mais pessoas para serem selvagens.”¹³

Me proponho, então, a um exercício, um momento breve de dedicação, para abrir meu campo a ser outro ser, ou talvez, performar outro ser. Somo ao exercício a imaginação de outro mundo. Fabulo um híbrido que nasce da tríade humana-animal-planta – múltiplas presenças habitando um mesmo corpo.

11 Em referência ao trecho: “Meu corpo depois do urso depois de suas garras, meu corpo em sangue e sem a morte, meu corpo cheio de vida, de fios e de mãos, meu corpo em forma de mundo aberto onde múltiplos seres se encontram, meu corpo que se recupera com eles, sem eles; meu corpo é uma revolução” – Martin, 2022, p53.

12 Jerá Guarani, 2023, p21

13 Id., p29



MÁSCARAS. CAMILA TORRES. AÇÃO MEDIADA POR LUIS FILIPE PORTO. FRAME DE VÍDEO DE GABRIELE STEIN, 2021

Somos fabulação? De que natureza?
Se formos fabulação, partes da criação, nos cabe compor.
Quais os modos de compor, de fazer junto, nossa vida
terrena?

Vesti folhas
Me desloquei em dois, três, quatro apoios
Emiti ruídos que silenciaram quando o ser-híbrido se foi
Estar em natureza é estar em contato com uma infinidade
de naturezas

Máscara como instrumento de ser.

“

As mulheres Jarawara (Residentes na Terra Indígena Jarawara/Jamamadi/Kanamanti, localizada no sul do estado do Amazonas) praticam um modo de vida fundado em compor com. Compõem com as plantas, o cultivo, as tarefas diárias. Para elas, o olhar está entrelaçado ao cuidar. Desviar o caminho para ver uma árvore sua ou de sua amiga, porque plantada por ela, é uma maneira de cuidar da planta. E cuidar, aí, é tornar-se com, que parte da mesma lógica pela qual se organiza esse compor com o mundo das plantas. Olhar, cuidar, tornar-se: são verbos entrelaçados, complementares e encadeados nesse compor com.

LUDMILLA ALVES¹⁴

14 Alves, 2021, p118-119

Em outro exercício de ser, formulo um ato de compor com. Esse ato é endereçado a humanos com miopia de alteridades e pretende oportunizar o encontro e a troca cuidadosa entre diferentes modos de existir em superfícies. Suas instruções foram apresentadas em formato de disciplina do programa Pedagogia Cachoeira Todo Dia, uma verdadeira invenção de Luis Filipe Porto¹⁵.

¹⁵ Artista, pesquisador e gestor cultural. Cocriador do Programa de Residência das Plantas. Atua no núcleo educativo da Flip - Festa Literária Internacional de Paraty, no coletivo Foi à Feira e no ateliê Bananal Arte em São Paulo.

Disciplina: Floresta para míopes

Mediador:

A pedra

Ementa:

Escalas da aproximação, em distância intuitiva, a depender de sua acuidade visual.

Voltar-se à _____ pedra.

Método:

Rosto nu – retirar óculos ou lentes, se houver.

Encontrar uma pedra pela cor e textura.

Não tocá-la.

Aproximar-se até o momento em que a floresta se revela.

Respirar o ar dessa floresta. Deslocando-se em travellings suaves.

Experiência:

O que movimenta?

Compartilhamento de imagens impossíveis.

Observações:

Visuais, sonoras, olfativas, propriocepção.

Anos se passaram e há um mês tive um sonho.

Eu participava de um ritual noturno.

Duas panteras se aproximam do espaço que ocupamos. Com medo, me aquieto. E elas seguem distanciadas de mim. Em seguida, veio um urso. Aquieto-me novamente e fecho os olhos na espera de que ele apenas passe.

Diferentemente das panteras, ele se aproxima de mim, sinto seu pelo. Lembro de Nastassjia, mantenho a respiração. O urso se afasta de mim e segue seu trajeto.

No encerrar do rito, eu estava em estado de introspecção

Aquele urso retorna, se junta a mim

sinto sua cabeça próxima a minha, e escuto ele sussurrar.

Ele me diz algo sobre leveza, sobre seguir com leveza.

Acordo.

Hoje retomo outras notas do livro de Martin: “Um urso que cruza o olhar de um homem buscará para sempre apagar aquilo que vê ali. É por isso que, se vê seus olhos, ele inevitavelmente ataca.¹⁶”

Suspiro. A frase que li uns três anos antes de sonhar com o urso, salvou meu duplo onírico.

Aprendo sobre meus sonhos com os Yanomami e também quando leio conversas que Nastassjia teve sobre os seus lá na Sibéria Oriental: “Existem outros sonhos, como esse e como os do cavalos daquela noite, que não controlamos, mas que esperamos, porque eles estabelecem uma conexão com os seres do lado de fora e abrem a possibilidade de um diálogo. (...) eles permitem que os humanos se orientem durante o dia: porque eles dão uma indicação sobre a tonalidade das relações por vir. Sonhar com significa ser informado.¹⁷”

Sobre ser selvagem, encerro esse caderno sabendo que fui informada, por um urso, a seguir com leveza. Isso me diz das relações por vir.

16 Martin, 2022, p89

17 Id.

paralelos e meridianos

Comunicação transespecífica sobre o modo de ser capivara. Repetição de versos ancestrais, aprendidos em um tempo-mundo distante, “quando ainda era possível ouvir, compreender e traduzir as múltiplas singularidades” do que chamamos de natureza. Versos traduzidos de uma língua jê por Ian Packer e Guilherme Gontijo Flores, e publicados pela Edições Chão de Feira na Revista Gratuita 4 – Animais.

**caio pra lá hê
elá
elá
caio pra lá hê**

**ô cá chapéu ê mã
ô cá chapéu ê mã
pra lagunã**

**caio pra lá hê
elá
elá
caio pra lá hê**

A colisão documentada de dois mundos em uma vila isolada nas montanhas da Macedônia do Norte: um que nos apresenta a coleta selvagem de mel de abelhas, e outro onde se tenta exaustivamente domesticar uma produção em larga escala.



HONEYLAND. DIREÇÃO DE TAMARA KOTEVSKA E
LJUBOMIR STEFANOV. LONGA-METRAGEM. 86MIN, 2019

Dispositivos para se compor com formas populares de cultura e modos ancestrais de relação, na intenção de decolonizar práticas contemporâneas. Uma praça se ergue horizontalmente na 35ª Bienal de São Paulo como “tecnologia na qual a oralidade produz mecanismos horizontais para a tomada de decisões populares, resolução de conflitos, criação artística, troca de conhecimento e produção agrícola - tudo de uma só vez” – Nadir Bouhmouch & Soumeya Ait Ahmed.



ASSAYS: ON ART & FOOD FROM BELOW. NADIR BOUHMOUCH E SOUMEYA AIT AHMED. INSTALAÇÃO, 2023

Entidades que se apresentam e se transmutam em tantas outras. Repetiçãõ sonora, cores que se desdobram em corpos. Quase existir em mundos que se apresentam e se desfazem. Uma floresta que dança.



ENCANTADO. DIREÇÃO DE LIA RODRIGUES. ESPETÁCULO DE DANÇA. MOVIMENTO INTERNACIONAL DE DANÇA. 60MIN, 2023

horizontes subterrâneos

Em 2023 fui classificada pelo mapa de letras T.E.A. e H.A./S.D., coordenadas psicossociais. Agora, desloco os traços de minha existência nessas coordenadas para lugares que eu havia inventado, cerca de dois anos antes, em um poema escrito em um exercício proposto por Gê Orthof. *Horizontes Subterrâneos* existe por causa da minha falta de habilidade em manipular resina epóxi durante a concepção de um objeto – todas as minhas tentativas resultavam em faixas que dividiam sua superfície transparente. Meu desejo era dar forma a um tipo de invólucro liso e sem riscos para tiriricas – aquela espécie de erva daninha. Frustrada, lembrei de camadas subterrâneas, lugares onde a vida se enraíza. Recorri a conhecimentos da geologia, ao arqueólogo Max Uhle, e conheci o horizonte como conceito científico. Em seguida, me direcionei poeticamente ao centro da Terra para conhecê-los.

**há terra
de novo**

Com a cabeça direcionada para frente e olhos abertos, percebo o centro e a periferia. Uma periferia elíptica, passível de alargamento e estreitamento, a depender do sedentarismo ou da terapia ocular.

Vejo um campo em suas cores e profundidades. Desloco esse campo em movimentos coreografados por crânio, vértebras e um trapézio enrijecido. Ossos, músculos, fâscias, nervos, tendões e articulações organizam a direção dos meus olhos. Escuto Karina Dias¹ dizer: “O horizonte estrutura a visão (...) O horizonte faz com que a gente acredite que a vida continua (...) O lugar que eu ocupo não basta.”

Atenta a pensamentos que também dizem da paisagem, aproveito da moldura dos meus óculos e busco enquadrar o horizonte — como se isso não o aniquilasse. Hesito com a dica de Win Wenders².

Aciono, então, um esticador de horizontes emprestado por Bernardo, aquele amigo do Manoel de Barros³. Me perco na imensidão, e sigo em direção ao oculto.

Tropeço em pistas.

1 Anotações da disciplina Métodos de Deriva, 2021

2 Referência a um depoimento de Wenders no documentário “A Janela da Alma”, 2001.

3 Referência ao poema “Bernardo é quase uma árvore”, de autoria de Manoel de Barros

Os olhos de Max Uhle, talvez adaptados ao escuro, talvez equipados pelo instrumento de Bernardo, miraram horizontes andinos esticando-os a ponto de medirem o tempo. Direcionado ao que a arqueologia americana não via, ele abriu lugares-arquivo da cultura material dos povos do Peru, da Bolívia, Equador e Chile. Uhle classificou, em estilos e períodos, horizontes repletos de cerâmicas, tecidos e outros artefatos, superando o epítome pré-colombiano⁴.

⁴ Neves, 2022; Rowe, 1954; Oxford References, 2025

“No ano de 2010, a seca recorde registrada na boca do rio Negro, revelou, pela primeira vez de que se tem notícia, a ocorrência, no encontro das águas, de um extenso afloramento rochoso cheio de gravuras antropomorfas representando rostos.”⁵

Em 2023, o descer das águas e o subir das rochas descobriram, mais um vez, os traços da ocupação humana naquele mesmo sítio margeado pelo rio Negro, onde o horizonte encontra a Ponta das Lajes⁶.

5 Neves, 2022, p35

6 Agência Brasil, 2023

Nota: a geologia confere aos horizontes um mapa de letras maiúsculas e minúsculas para identificar as camadas do solo. Quase todas, noturnas.

Lembrete: “entre visão e invisão, paisagem”⁷

Concluo: A vida continua, bem a ali, em *N*.

⁷ Em referência ao título do livro-tese de Karina Dias, 2010

“ Diversas vezes, quando um visitante ficava até mais tarde, e fazia uma noite escura, eu era obrigado a levá-lo até a trilha das carroças atrás da casa, e então apontava a direção que ele devia seguir, e avisava que para manter esse rumo ele precisaria se guiar mais pelos pés do que pelos olhos.

H. D. THOREAU ⁸

⁸ Thoreau, 2018, p149

Processamento de estímulos sensoriais- - -

O que toca a planta dos meus pés?

Pensamento lógico- - -

Superfície. Depois dela, existem horizontes subterrâneos.

Pensamento analítico- - -

Em algum desses horizontes subterrâneos, a batata se orienta pelo olho.

O que ela vê? Micorrizas?

Componentes intraterrenos da máquina do tempo da terra?

Pensamento lógico e analítico- - -

Olhos de batata são uma segunda semente. De acordo com Goethe, são um exemplo de metamorfose irregular⁹.

É um olho-broto, uma genética autônoma, outro ser. Outro ser, um ser-olho que nasce da noite, que dá continuidade a vida da batata se nutrindo do ente que lhe deu origem, se nutrindo daquele corpo rechonchudo de nutrientes, típico dos tubérculos, seres adaptados à privação de água e luz.

⁹ Goethe, 1993

Ver pelo tato.

O avesso de quando estive em Guillain Barré.

Quero atravessar os horizontes, ir ao centro da Terra,
tatear camadas com a propriocepção de um polvo.

Quero ser guiada por um raio nascido no núcleo terrestre.

No entanto, inclinar-me para baixo não basta.

“ Nosso horizonte nunca está exatamente ao alcance de nossos cotovelos.

H. D. THOREAU¹⁰

¹⁰ Thoreau, 2018, p116

No jardim de Darwin, minhocas entravam e saíam da terra à medida que ele tocava notas específicas de um piano.¹¹

Estou atrás acima de um som específico, algum ruído que pulsa e me orienta sob a pele.

¹¹ Darwin, 2025

“ O som de uma tempestade a 100 km de distância envia vibrações de baixa frequência pelo solo. Os elefantes captam as vibrações por meio de uma rede de nervos nas almofadas adiposas das patas, e o som da tempestade os guia até a água. (...) – não através do ar, mas através do solo. (...) Ao levantar uma pata, eles conseguem pressionar a outra mais profundamente no solo e identificar a direção exata das vibrações da tempestade.

ELIZABETH BENNER¹²

¹² Benner, 2024 s.p.

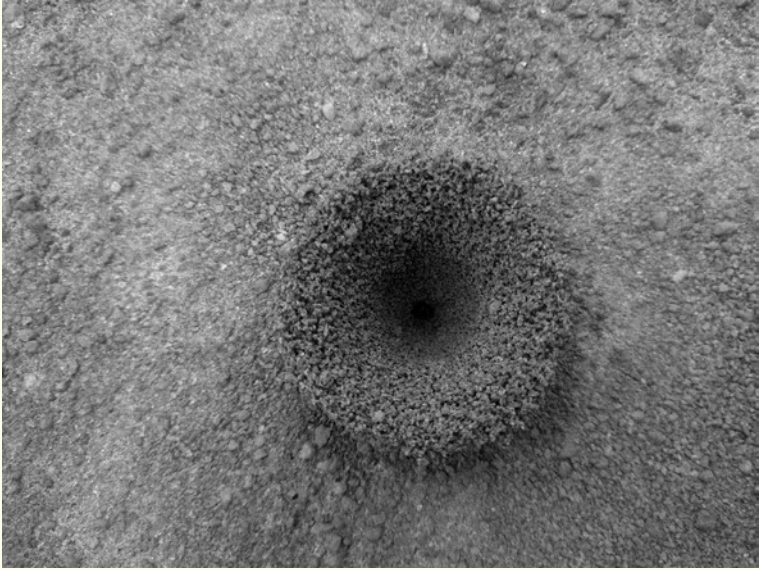
Suspendo uma parte de mim — a literalidade de meu olhar.

Recebo um recado de Branca Vianna:

— tem um grande poder em estar no escuro, em não ter imagens, ou não ter imagens prontas. Porque durante a escuta, as imagens, é você quem vai fazendo. Com as cores, o enquadramento, a luz, que você mesma vai criando.¹³

Pressiono meu próprio silêncio, e m'irradio.

13 Vianna, 2025



**roda com vistas da terra,
visitas à terra**



horizonte A: escurecido.
em lento movimento adentro, encontro
olho de batata,
um órgão ascendente em horizonte O,
busca luz e,
ávido,
fura-terra.



horizonte B: cores.

partículas filtradas por A

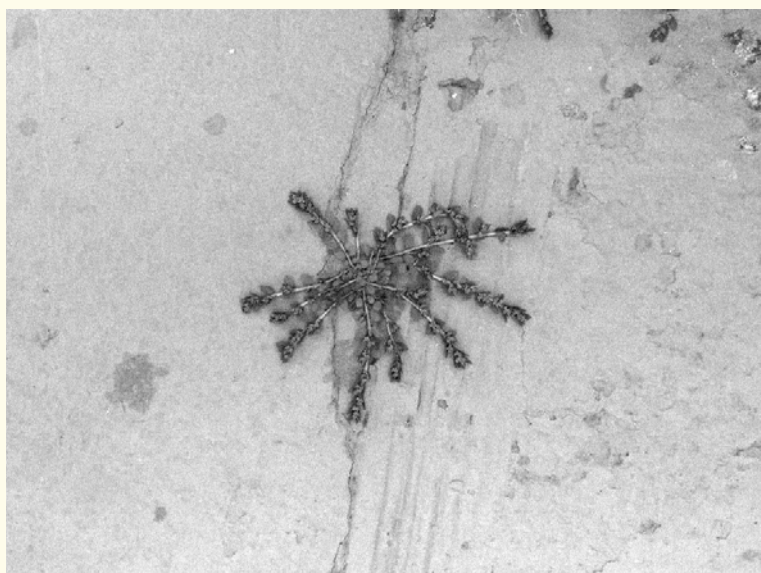
deslizam e

aquo-

moldam-se

em ar

gila.



horizonte C: trans.

descendentes da rocha-mãe reorientam a matéria

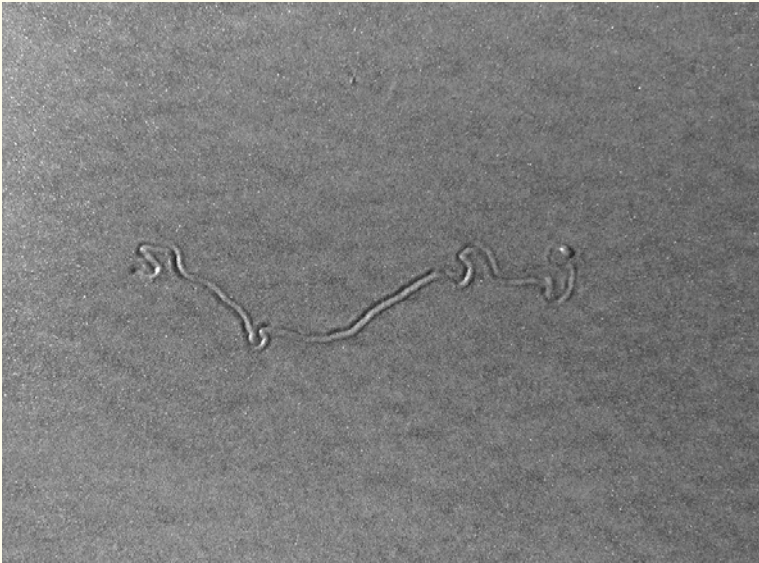
para além

para trás

através

da não identificação

nem abaixo, nem acima.



horizonte R: continuum.

obscurantismo dá origem

ao que se faz solo, encontro

cápsulas de éons

sem olho

sem cor

vibração primeira - RRRRRRR...

Uma pausa em R, horizonte mais próximo ao centro da Terra.

Estou num zumbido sem espécies companheiras.

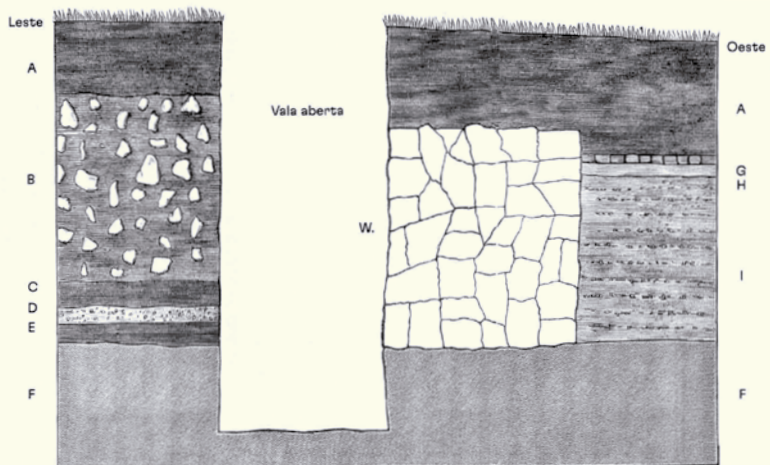
Sem fungo, sem batata, elefante, polvo ou minhoca
Ainda solo, tudo esquenta.

Meu pequeno corpo terrestre, preciso subir.

paralelos e meridianos

Classificação geológica da escavação realizada pelo sr. T. H. Farrer (1º Barão Farrer), iniciada em 1877, Surrey, Inglaterra. Desenho que ignora o soterramento de uma moeda de meio centavo por dejetos de minhoca, e que reduz, de maneira desproporcional, tanto a largura como a profundidade de uma vala para que a mesma coubesse em todas as letras do horizonte. Testemunho: “Ninguém nem sequer suspeitava que haveria ruínas de uma casa romana escondida tão perto da superfície”¹.

¹ Darwin, 2025, p124



CORTE DOS ALICERCES DE UMA CASA ROMANA SOTERRADA EM ABINGER. IMAGEM PUBLICADA EM " A FORMAÇÃO DA TERRA VEGETAL PELA AÇÃO DAS MINHOCAS, COM OBSERVAÇÕES SOBRE SEUS HÁBITO". EDITORA FÓSFORO, 2025

Notas de assombro quando me percebi descendo novamente ao centro da Terra, desta vez com Marília Garcia. Em eco, meu diário de bordo:

ponto A, ponto B – Garcia também nomeia com letras

A

B

C

aquele RRRRRRR
rocha-mãe

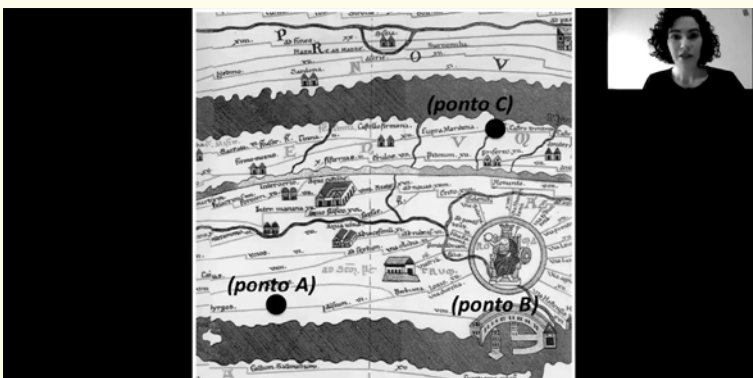
sigo o raio

não chego
escorrego
camadas que revolvem o núcleo
em queda no centro
liquidez até o ponto, duro

passo direto

um começo que agora é looping
“subir e descer espiralando” – comentou Gê

fluxo eterno, ponto que é linha, sem planos.



ENTÃO DESCEMOS AO CENTRO DA TERRA. MARÍLIA GARCIA.
LEITURA PERFORMÁTICA. 35'10", 2020

Abrir um ecótono entre a Mata Atlântica e
o Cerrado, tombar estratos de vida vegetal,
perfurar a terra, inventar um pesado continente
feito de vidro para ouvir o som de um buraco a
202 metros da superfície.
Aplaudir os elefantes.



SONIC PAVILLION. DOUG AITKEN. PAVILHÃO DE VIDRO E AÇO REVESTIDO COM FILME PLÁSTICO, POÇO TUBULAR DE 202M DE PROFUNDIDADE, MICROFONES E EQUIPAMENTOS DE AMPLIFICAÇÃO SONORA. INSTITUTO INHOTIM, 2009

minhocas

O vídeo apresentado é desdobramento de uma provocação poética do professor e artista Gê Orthof, em uma disciplina por ele conduzida no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília. Na ocasião, eu e Marcia Regina, coautora do exercício, sobrepomos imagens sonoras de um jantar à apresentação de minhocas domésticas devorando substratos de nossa composteira doméstica. Passados três anos do registro audiovisual, encontro um livro de Charles Darwin chamado *A formação da terra vegetal pela ação das minhocas, com observações sobre seus hábitos*. Me percebo íntima da pesquisa de Darwin e juntos enaltecemos as minhocas no devir-planeta-Terra.

Ao encerrar pelo começo, a digestão poética desse caderno ecoa um pensamento de Emanuelle Coccia no livro *Metamorfoses* - “os seres nunca têm sua casa própria e os lugares nunca serão casas de um único dono.”

todos os seres fazem mundos.

casa compartilhada

Moro com.

Quem sempre me acolhe está à vista, ou não
vive, ou não
convive, sempre.

Moro com.

Aquelas que me olham de volta,
movidas por minhas mãos, meus pés
pela luz, sombra de outrem, pelo vento.

Moro com.

Veze ou outra nos escutam
num encontro acidental entre corpos
num aviso preciso que pede novo gesto.
Veze ou outra ouvimos vizinhos
a vizinha ao lado não nos ouve
não responde bom dia, tarde ou noite.

Moro com.

Aquelas distribuídas em cantos, teto, superfícies
aquelas que despertam interesse, que parecem vivas
outras esquecidas
algumas se curvam, lentamente.

A esta casa interessa uma exposição ao sol:
cerâmicas, correntes, uma pintura, plantas, persianas,
cortinas, uma máscara.

Todas vistas três andares abaixo.

É numa meia volta de pescoço
que escuto as palavras de um texto,
recordo pendências de movimento,
faço encontros no invisível.
Entre o claro e o escuro, aqui buscamos no vazio.

E fazemos pausas.

Pausas para água, adentro ou em deslize.
Pausas para água, rito-impulso para o novo.
Pausas para água, devaneio.

Num estudo da arqueologia de mim mesma,
camadas de carbono e nitrogênio
até coletar monumentos vivos.

É preciso lembrar de não esquecer
quantificar bordas
e
ser um tanto de ser a se tocar.

Experimento quase-alteridades.

Soube que Darwin hospedou minhocas por um tempo em sua casa. Ele as observou, interagiu, e registrou eventos da convivência: “Elas talvez tenham algum senso social, pois não se incomodam de rastejar por cima do corpo umas das outras e às vezes permanecem deitadas juntas”¹.

¹ Darwin, 2025, p29

Darwin tocou fagote e piano para suas companheiras rastejantes, e observou a quietude da platéia. Não ignorou a possibilidade de uma recepção sensível e seguiu a interação improvisando seu recital:

Nota dó na clave de fá (dó grave)

Nota sol acima da linha da clave de sol (sol aguda)

Nota dó na clave de sol (dó muito aguda)

Minhocas entraram e saíram de suas galerias, em consonância com as vibrações do piano. São desprovidas de audição, e sensíveis ao toque. Respiram pela pele. Respiram com a terra.

E Darwin as soprou suavemente.

Menu completo darwiniano para minhocas:

Entrada

Mix de folhas frescas de cenoura e limão, com folhas semi decompostas de aipo, repolho e nabo.

Principal

Pedaços de carne crua (fresca) e assada acompanhados de pecíolos, pendúculos e flores em decomposição.

Sobremesa

Grãos de açúcar e pedaços de alcaçuz.

Otimização do menu, assim descrito pelo próprio Darwin:

“As minhocas apanham folhas e outros objetos não apenas para se alimentar, mas também para tampar a entrada de suas galerias (...)

– Já cheguei a contar dezessete pecíolos de Clematis projetados para fora da entrada de uma galeria e dez na entrada de outra”².

Além dos tipos de insumo ofertados no jantar, uma senhora conhecida de Darwin, munida por uma lanterna, observou que as minhocas do seu jardim usavam também de pedrinhas como material de construção. Já o acabamento da entrada de galerias poderia ser feito de uma terra úmida e viscosa, expelida pelo próprio corpo das minhocas, com o objetivo de cobrir possíveis frestas.

– “é profundamente desagradável deixar a entrada das galerias abertas”³.

² Id., p44

³ Id., p47

Moro com minhocas californianas.

Elas fizeram uma travessia interestadual via Correios, acolchoadas por um punhado de substrato. Seu aposento é climatizado, preservando condições favoráveis ao seu bem-estar doméstico — fui avisada de que não sobreviveriam se muito expostas ao ar predominantemente seco daqui. Aqui elas vivem na noite de um polipropileno preto. E sim, é profundamente desagradável para mim e para elas deixar a tampa do seu aposento aberta.

Li que em Santa Catarina existe uma espécie gigante de minhoca que esculpe galerias com até 2cm de diâmetro. Dizem que lá, o solo até meio metro abaixo da superfície parece ter passado diversas vezes por dentro de seu intestino⁴ (apud p.84). Santa Catarina habita um solo feito da digestão de minhocas gigantes.

4 Id., p84

“toda a terra vegetal que existe no país atravessou muitas vezes, e seguirá atravessando muitas vezes, o canal intestinal das minhocas”⁵ – concluiu Darwin, enquanto as minhocas erguiam um monumento.

5 Id., p8



MONUMENTO NICE: TERRA-VEGETAL TORRE ANIMAL,
PROVAVELMENTE EVACUADA POR UMA MINHOCA *Perichaeta*,
CHEGANDO A 7,6CM DE ALTURA. DESENHO PUBLICADO EM
DARWIN, 2025

“Uma pequena passagem cilíndrica atravessa o centro de cada torre, e é por meio dela que a minhoca sobe para expelir a terra que engole, aumentando, assim, a altura da torre.”⁶

aumentando, assim, a altura da Terra.

⁶ Id., p76

Em ritmo lento, minhocas revolvem a terra. Migram para a superfície aquilo que fora sedimentado no subterrâneo. Uma terra que passa repetidas vezes, repetidas vezes, repetidas vezes, por dentro de seus corpos.

Darwin segue compartilhando intimidades:

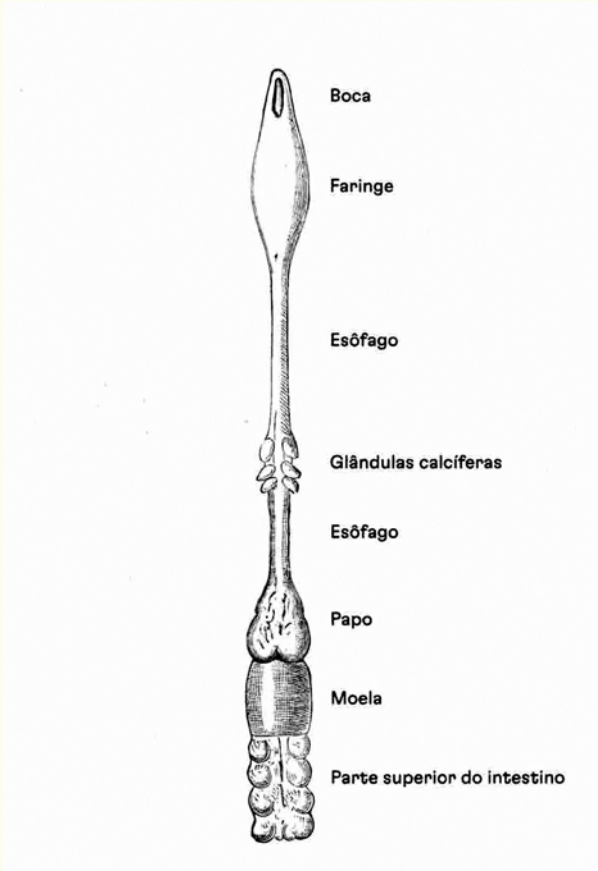
“ As minhocas têm hábitos noturnos, e à noite muitas delas podem ser vistas rastejando, embora costumem manter o rabo dentro das galerias subterrâneas. Ao expandirem parte do corpo, e com a ajuda das pequenas cerdas levemente reflexas de que são dotadas, elas se prendem com tamanha força que dificilmente podem ser arrancadas do solo sem serem despedaçadas.

CHARLES DARWIN⁷

⁷ Id., p15

Tamanho força capaz de gerar em mim uma eclosão de pensamentos:

Aquela dificuldade de arrancar uma tiririca sem quebrar suas raízes. O dia em que fatiei acidentalmente minhocas gordas no quintal da minha avó enquanto cavava uma composteira. A segunda lei de Newton que diz que a força (F) resultante sobre um objeto é igual à massa (m) desse objeto multiplicada pela sua aceleração (a). Darwin dizendo que com o auxílio do rabo minhocas podem recuar para dentro da galeria com rapidez extraordinária. A medida de uma força (ou de uma tamanha força) é representada pela unidade quilograma-força-kgf. Um fato interessante é que o quilograma-padrão encontra-se guardado em Paris (França) na Repartição Internacional de Pesos e Medidas. Com base nessas informações podemos definir que 1 quilograma-força (1kgf) é a força com que a Terra atrai o quilograma-padrão (isto é seu peso) ao nível do mar e a 45° de latitude. E o fator longitudinal de deslocamento das minhocas ao rastejarem com facilidade tanto para frente como para trás. Direções opostas. Intestino-Tubão-boca-e-cu. Arqueologia de mim mesma. Lembrar do que comi quando vejo no aposento das californianas brotos de abacate-melão-manga e tamareira.



“ Todas as espécies que engolem terra
são dotadas de moela.

CHARLES DARWIN⁸

⁸ Id., p165

E as espécies que engolem Terra?

Buraco negro e buraco de minhoca possuem moela?

Vejamos. Buraco negro é um ponto de não retorno, de onde nada escapa. Um buraco com fundo, rodeado por um horizonte de eventos. Se nada é expelido de um buraco negro e tudo o que for engolido por ele torna-se parte de sua singularidade, é pouco provável que possua uma moela

.

O buraco de minhoca pode ser descrito como um túnel que conecta dois pontos cosmicamente distantes entre si. Alguns chamam esse túnel de garganta. Supostamente, uma travessia pela garganta de um buraco de minhoca seria equivalente a uma viagem no tempo.

Supostamente, vou incluir uma moela nesse buraco de minhoca.

Supostamente, essa moela do buraco de minhoca, como qualquer outra moela terrestre, seria habitada por pedregulhos — pedregulhos cósmicos, supostamente chamados de asteróides.

Bem, uma vez engolidos, esses asteróides supostamente funcionam como “pedras de um moinho”, ajudando a lapidar e a triturar demais corpos celestes em deslize pela garganta. Se as minhocas são capazes de excretar pequenas partículas inorgânicas de pedra, que se desprenderam da moela e passaram por todo seu canal alimentar até o momento de se tornar humo escuro e fértil, quase uniforme, que chamamos de terra- - -

9 Id., p20

Asteróides, satélites e planetas,
deglutidos pela boca-faringe-esôfago-
glândulas calcíferas-esôfago novo-e-papo,
chegam ao moinho-moela de
um buraco de minhoca.
Meio triturados, meio lapidados,
passam pelo intestino

Evacuados pela outra extremidade
seguem em deslocamento cósmico
Noutro tempo, noutro espaço
rodopiam

e novamente são incorporados
por matéria escura,
massa invisível hospedeira de mundos.



FERAS. CAMILA TORRES E MARCIA REGINA.
VIDEO-ARTE. 20'21", 2022
<https://youtu.be/knEZ8uMcRW4>



“ Um animal descansa no escuro do sabor.

GÊ ORTHOF



FERAS. CAMILA TORRES E MARCIA REGINA.
VIDEO-ARTE. 20'21", 2022

Quanto mede o intestino pelo qual atravessa a existência de um planeta? Sua medida é maior ou menor que a soma dos monumentos erguidos por ele? Mais longa ou mais curta que o comprimento das ondas de murmúrio e risada emitidas durante um jantar com minhocas?

Como medir o ar engolido entre os sons dos talheres, aquele suposto vazio que segue impondo distinções entre uma coisa e outra coisa?

Alternando contrações e relaxamentos musculares, em movimentos que alongam e encurtam as partes, fazemos mundo no rastejar da matéria.

pósfacio

~~Questiono-se~~ Não fui uma boa anfitriã... Sabendo que as minhocas têm fotofobia, lhes servi um jantar à luz de LED.

Por mais que eu tenha argumentado que o aposento delas em nossa casa seja climatizado, o fato não é desprovido de interesses permaculturais, aqueles que se sustentam na utilidade das vidas. A vida das minhocas domésticas é preservada pela sua força de trabalho. Em condições selvagens, “as minhocas não trabalham no verão quando o tempo está seco, nem no inverno quando há geadas severas” — alertou Darwin¹⁰.

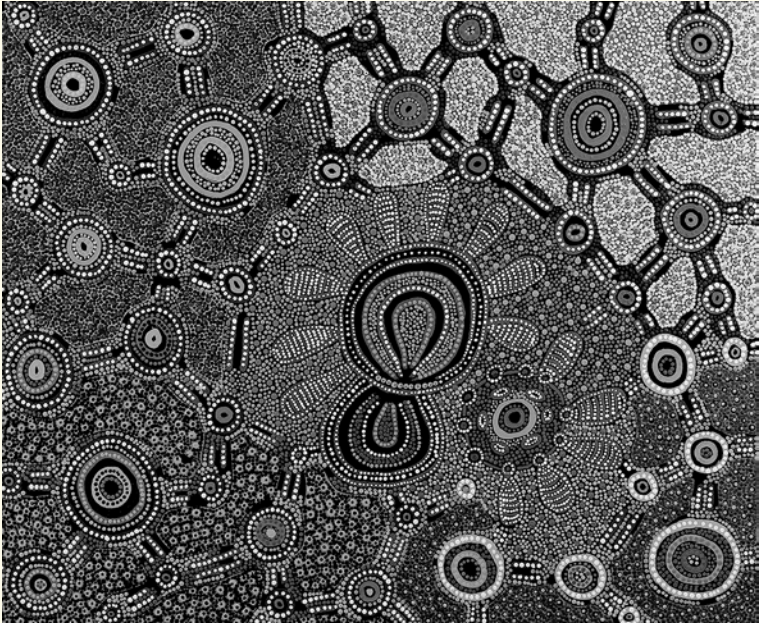
Não afirmo que

Animais não foram feridos durante a produção do vídeo *Feras*.

¹⁰ Id., p111-112

paralelos e meridianos

Em Yuendumu, na Austrália, as ngarlkirdi, uma espécie de larva de mariposa que vive até 60cm abaixo do solo, aparecem como sonhos que habitam a terra, o alimento e a tradição. Sua tradicional coleta e seu ciclo de vida estão presentes em rituais da cultura aborígine Warlpiri.



WITCHETTY GRUB DREAMING (SONHO DO BICHO WITCHETTY).
JENNIFER NAPALJARRI LEWIS. PINTURA.

100 minhocas chegam à superfície e deslizam pela galeria 2.



MEDUSA. LUANA AGUIAR. PERFORMANCE, APROX 3H. 2011
ESPAÇO CULTURAL MUNICIPAL SÉRGIO PORTO, RIO DE JANEIRO.

Elevação da terra mais alta do Brasil em 1cm.
Método: migrar um pedaço de mineral
subterrâneo para o topo do Pico da Neblina.

máquina do tempo da terra

A máquina do tempo é uma invenção que me acompanha há muito anos. Não sei ao certo quando meu irmão assistiu o filme *De volta para o futuro* pela primeira vez, assim como eu não saberia dizer quantas vezes ele o assistiu. É um filme, que eu diria, companheiro da família, e não somente do Vitor. Por isso, lembre-se: quando você ler DeLorean neste caderno, é uma referência direta àquele carro que em 1985 esteve no dia 21 de outubro de 2015. E, que ele foi aprimorado para o uso de resíduos orgânicos como combustível em substituição ao plutônio - mesmo elemento-evidência que compromete nossa atual era geológica. Além da ficção, este caderno relaciona: dados sobre a icônica viagem do navio H.M.S. Beagle, o conceito de *zona autônoma temporária* proposto por Hakim Bey - comumente referenciado pela sigla TAZ -, derivas prático-filosóficas de Donna Haraway, sambaquis e terras preta amazônicas, a mitologia do povo indígena Desana sobre a origem do mundo, e experimentos de uma composteira durante a segunda edição da Residência da Plantas (2002). Aqui, misturo e (re)organizo os achados, me empenho a decifrar e formular ideias sobre o tempo profundo da Terra.

sem tempo, não há vida.

24 cronômetros navegavam dentro de caixas de madeira, cuidadosamente alojadas em um pequeno armário próximo à cabine do capitão Robert FitzRoy. Os cronômetros foram fundamentais para um dos objetivos da tripulação a bordo da segunda viagem do H.M.S. Beagle: zarpar da Inglaterra para medir longitudes com a maior precisão possível¹.

Dos 24 cronômetros embarcados, supostamente 3 retornaram da expedição funcionando perfeitamente bem². Mesmo que suspensos e envoltos por serragem para não sofrerem vibrações e choques, os medidores de tempo estavam vulneráveis às condições do mar e demais instâncias que os desprendiam do armário de FitzRoy.

Beagle viajou pela rotundidade da Terra entre 1831 e 1836, 23 anos antes do tripulante Charles Darwin publicar uma teoria refutando a crença da imutabilidade das espécies, e 48 anos antes da Conferência Internacional do Primeiro Meridiano eleger Greenwich como a longitude zero — a linha de referência do horário mundial.

Beagle foi uma coordenada nômade periodicamente ancorada em zonas costeiras. Nesta viagem esteve na América do Sul, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, nas ilhas Galápagos e Taiti. Seu compromisso científico

1 Thompson, s.d.

2 Id.

resultou em tipos diferentes de cartografia: escrituras de superfície, que informam sobre o intercalar da água com a terra, e outras de profundidade, revolvendo perguntas sobre a origem da vida.

“ A evolução é uma mascarada que acontece no tempo e não no espaço.

EMANUELLE COCCIA³

³ Coccia, 2020, p14

À deriva no tempo e no espaço
Experimento isolar uma coisa da outra

Ser terrena, antes o tempo existia?

Big Bang
Re-corro ao afastamento cósmico
Re-volto a palavra espaço
Big Ben
De novo a Inglaterra
Tempo perdido em ritournelle

Penso na revisão sistemática de 24 cronômetros para riscar linhas verticais e imaginárias sobre a esfera terrestre. E lembro que, antes da invenção do Meridiano de Greenwich ditando normas para a geolocalização do tempo, as 24 horas de um dia poderiam ser reajustadas em suas frações segundo percepções particulares da distância entre o sol e o horizonte. No ponto mais alto alcançado pelo sol, ali, estava o meio-dia. A partir daquele ponto, o espaço dobrava o tempo.

Experimento, porque sim,
suspender a convenção 24

Desvio do relógio
Dos cronômetros
Da exata seta reta
Do mais alto sol
Dos pontos imaginários da esfera celeste
Zênite e nadir
Quando estou
Corpo terrestre
Curvo
Cavo
Busco planos de imanência

Experimento dobrar 10 dias de uma residência em Amparo.

“ Os piratas e os corsários do século XVIII montaram uma "rede de informações" que se estendia sobre o globo. Mesmo sendo primitiva e voltada basicamente para negócios cruéis, a rede funcionava de forma admirável. Era formada por ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos com água e comida, e os resultados das pilhagens eram trocados por artigos de luxo e de necessidade. Algumas dessas ilhas hospedavam "comunidades intencionais", mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre.

HAKIM BEY⁴

⁴ Bey, s.d., s.p.

Proponho que os 10 dias, dobrados, estejam fora da lei 24.
Que seja uma temporada curta, mas alegre.

Inspirada por Hakim Bey, que por sua vez se inspirou nos piratas, deixo-me envolver, intencionalmente, pela insurgência de uma zona autônoma temporária – TAZ.

TAZ é “uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento.”⁵

Busco planos de impermanência
Forjo uma jangada

⁵ Bey, s.d., s.p.



Para navegar no tempo da Terra
Abro um buraco
Uma cápsula de *humusidades*

Experimento I

6 noites na cozinha

3 baldes com resíduos

1 presunto

1 batata doce

1 criatura que vem da mata

ida ao pé da floresta

improviso

1 cobertura seca para resíduos

+ 1 presunto sepultado

Resultado I:

Resíduos em mistura

Alguns descobertos

Outros desapareceram

Identificação da MAT

subespécie da TAZ

Memória Autônoma Temporária

Experimento II:

3 noites na cozinha

1 balde com resíduos

1 panela com resíduos

1 Máquina do Tempo da Terra

7 criaturas que vem da casa

1 manual de agenciamento de MATs



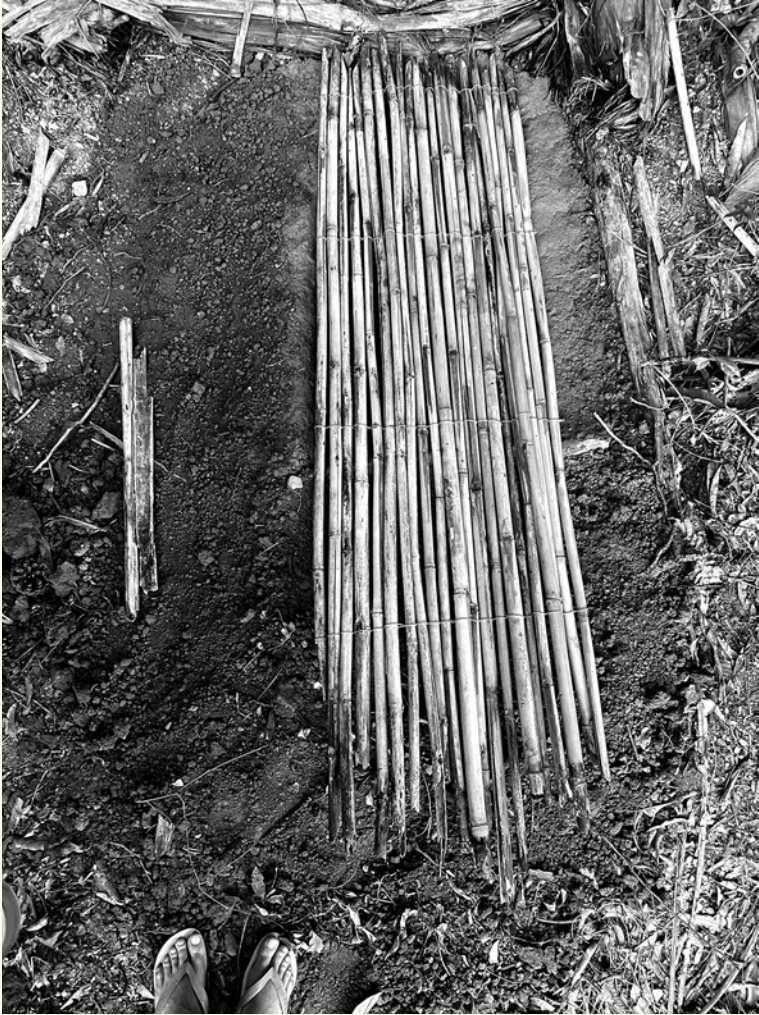
Primeiro passo:
cultive a linguagem da impermanência.

Picote suas memórias
Somente as vegetais
Somente as comestíveis
Somente as que rejeita
Todas acomodadas num continente
Todas combustíveis da máquina,
Do tempo,
DeLorean.

Segundo passo:
configure o futuro.

Abra a máquina e conte a vida presente
Somente depois
Armazene as memórias picotadas
Somente depois
Sobreponha com matéria seca
Somente depois
Dias depois
Semanas que vem
Natureza que vem
Acesse o passado
E conte a vida presente.

Terceiro passo: vida que segue.



Resultado II:
Cápsula liga-mundos
Escala multi-fatorial
Medida de tempo multiespécie.

“ Nós somos sendo compostagem.

GUIHERME MEYER

Em Monte Castelo, sítio arqueológico situado em Rondônia, encontraram uma compostagem nomeada *sambaqui* que alcançou 6,50 metros de altura e 120 metros de comprimento. Sambaquis são cápsulas de informações do passado, “grandes montes de conchas, ossos e outros materiais orgânicos acumulados por povos que viveram em vários pontos do território brasileiro”⁶.

Ao investigar o sambaqui de Monte Castelo, Gabriela Carneiro concluiu que era possível recontar a história das variações climáticas da região pela análise de resíduos de peixe ali compostados: “as sucessivas camadas do sítio mostram que Monte Castelo foi ocupado de forma contínua entre 6 mil e 700 anos atrás – uma raridade nos sítios arqueológicos amazônicos”⁷.

Sambaquis são comuns em regiões costeiras e fluviais, estão na borda de rios na Amazônia e em outros biomas brasileiros. Elevações menores, chamadas de *montículos*, também aterram a presença de povos antigos. Durante a escavação de um deles, à margem do Rio Solimões, arqueólogos encontraram uma urna e dois corpos assentados em contato direto com a terra⁸. Há sambaquis que igualmente incorporam evidências de rituais fúnebres.

6 Esteves, s.p., 2024

7 Id.

8 Neves, 2022

Vistos de longe, sambaquis e montículos são aglomerados de sedimentos que curvam a paisagem. Quando percebidos como instrumentos que mensuram o tempo, as mesmas curvas se fazem manto que acoberta modos originários de residir e tornar-se Terra.

“ Acontece que a terra vegetal está longe de ser algo compacto, como se pode notar pela quantidade de bolhas de ar que sobem à superfície quando ela é encharcada.

CHARLES DARWIN⁹

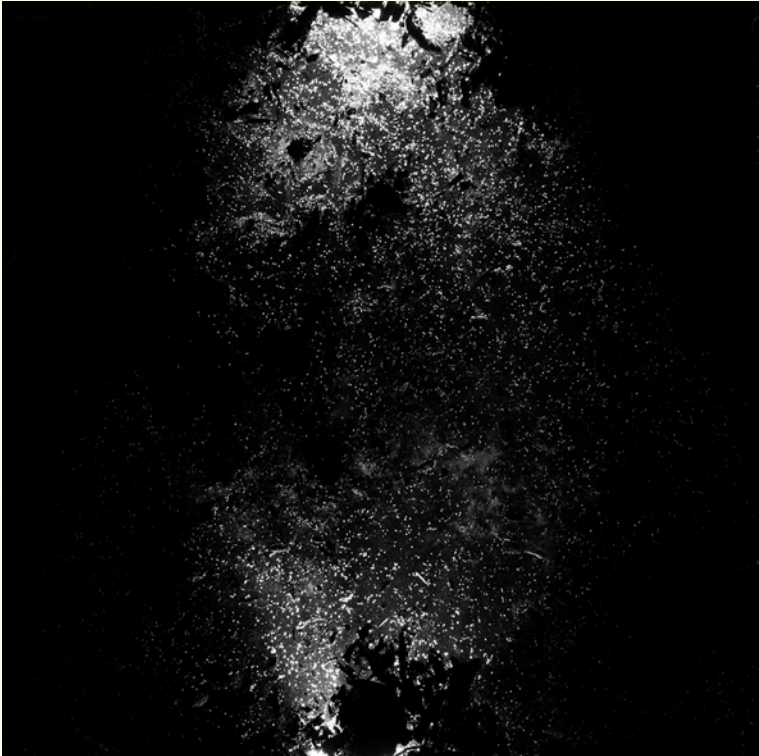
⁹ Darwin, 2025, p115

Há terras de coloração escura que “estão entre os testemunhos mais permanentes e duradouros da presença humana na região”¹⁰. Essas terras apresentam nutrientes anteriormente escassos no solo amazônico e supostamente estão relacionadas a zonas de habitação e outros espaços domésticos. Derivam de resíduos de vida animal e vegetal, podendo conter ainda fragmentos de cerâmica, rochas e minerais. O que respira na profundidade da terra preta guarda atividades humanas do passado e sustenta, ainda hoje, a produção de alimentos destinados à capital Manaus¹¹.

O tempo amazônico da Terra é o tempo da mistura de ocupações em temporadas. Povos que consumiram peixes e levantaram montes litorâneos; povos que adormeceram em casas de palha e madeira, urnas ou ataúdes; povos que cultivaram plantas e moveram sementes; assentamentos transformados pela Terra, que se tornou preta. Sobre ela, ergueu-se a Floresta.

10 Neves, 2022, p127

11 Id.



TERRAOCA. OBJETO DE RESINA E TERRA PRETA.
CAMILA TORRES, 2022

TerraOca é um experimento de conserva de terra preta, extraída de um minhocário doméstico. Paralisa bolhas de ar e fracassa. Ali observo a escuridão contida por resina epóxi. Lanço um feixe de luz, amplio a imagem.

Me aproximo.

Retorno.

“ Antes o mundo não existia.
A escuridão cobria tudo.
Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher
por si mesma. Isso aconteceu no meio da
escuridão. Ela apareceu sustentando-se sobre o
seu banco de quartzo branco”

(...)

começou a se levantar algo, como se fosse uma
esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de
pico. Isso aconteceu com o seu pensamento. A
esfera, enquanto estava se levantando, envolveu
a escuridão

(...)

A esfera era o mundo. Não havia luz. Só no quarto
dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz.
Tendo feito isto, ela chamou a esfera de Umuko wi
“Maloca do Universo”.

UMUSĪ PĀRŌKUMU E KEHIRĪ TORAMU¹²

12 Pārōkumu, Kehiri, 2019, p11-14

Releio a mitologia do povo Desana: antes do mundo existir, uma mulher, Yebá Buró, apareceu por si mesma sentada no seu banco de quartzo branco. Das camadas sobrepostas que dividem o mundo desde sua criação, a primeira camada corresponde ao quarto de Yebá Buró, ou “Quarto de Quartzo Branco” (Uhtãbohotaribu)¹³.

Em *ritournelle*, ainda sigo (re)configurando a Máquina do Tempo da Terra. Se Yebá Buró apareceu por si mesma, agora busco por memórias de um quartzo guardado na primeira camada do mundo.

13 Pārökumu: Kehiri, 2019

O quartzo surgiu concomitante ao estágio inicial de formação das camadas do planeta, um evento que remete a cerca de 4,4 bilhões de anos antes do tempo presente. Por ser um mineral, ele é um exemplar do reino que figura “nossa história mais remota, desde a origem da Terra até o surgimento e a diversificação da vida”¹⁴. Possui uma composição fixa estruturada pela cristalização de uma molécula de silício e duas moléculas de oxigênio – SiO₂.

Antes que pudesse ser visto sobre a superfície, o quartzo foi informado pela Terra na imanência de um tremor. Seu surgimento foi resultado do resfriamento lento e profundo de magma, até o ponto em que o SiO₂ pudesse compor, junto a outros minerais e elementos químicos, a formação de uma rocha ígnea – aquele tipo que deu origem a praticamente todas as outras rochas¹⁵. Foi tornando-se parte do corpo de uma rocha ígnea intrusiva, gestada em níveis abissais, que o quartzo encontrou uma das condições favoráveis à sua existência intraterrena. Nos momentos em que o chão treme e as massas rochosas se erguem, o quartzo é parido pela Terra.

14 Teixeira et al., 2009, p.131

15 Id.

Penso que o Quarto de Quartzos Branco possa estar relacionado a um processo geológico específico de formação de rocha ígnea. Talvez o quarto de Yebá Buró seja um geodo ancestral.

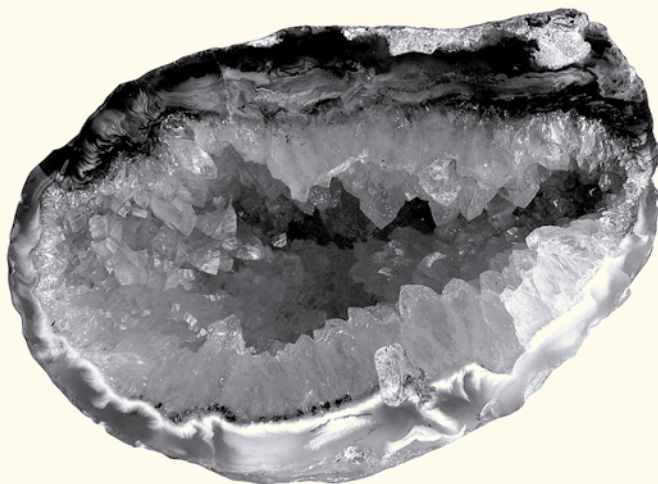
Antes o geodo não existia,
uma bolha de gás navegou pelo fluxo da lava que se resfriava lentamente, ao ponto de moldar uma rocha de interior vazio. Depois da cavidade formada, a água subterrânea, repleta de minerais, dentre eles o quartzo, infiltrou a rocha por meio de seus poros e fissuras. No tempo lento e profundo, em resfriamento de fora para dentro, os ciclos de evaporação e precipitação fizeram com que os minerais se unissem e que a água escoasse, deixando pequenas bolhas de líquido que esculpam cristais de aparência leitosa, que seguiram em crescimento na face côncava, de uma rochaOca.

Peço licença ao povo Desana.

Concluo a existência do geodo ancestral, o invólucro do tempo profundo. Ali está Yebá Buró, em seu quarto, sentada sobre seu banco de quartzo branco.



FOTOGRAFIA DE GEODO COM QUARTZO BRANCO - FORA.
MANFRED HEYDE, 2007



FOTOGRAFIA DE GEODO COM QUARTZO BRANCO - DENTRO.
MANFRED HEYDE, 2007

notas do futuro do pretérito

1 noite: 1 giro ao redor do eixo terrestre

Idade da Terra: aproximadamente e supostamente 4,6 bilhões de anos.

Silicatos: classe que corresponde a 90% dos minerais da Terra. O quartzo é um silicato.

Rochas ígneas: correspondem a 95% do volume de rochas da esfera terrestre.

Metamorfose mineral: “as rochas estão em constante transformação, passando de um tipo a outro, em virtude das dinâmicas interna e externa da Terra”¹⁶.

Magma: líquido quente produzido pela fusão parcial de rochas. Simbiose em processo localizado no manto quente e ascendente da Terra.

16 Id, p150

Crosta, manto, núcleo externo e interno: são as quatro camadas que estruturam a esfera terrestre. Foram deduzidas após a medição de curvas tempo-distância das ondas refratadas e refletidas no interior da Terra, derivadas da análise de milhares de terremotos durante décadas¹⁷.

Zona D: zona de compostagem intraterrena. Está entre 2600 e 2900km da superfície (zona inferior do manto) apresenta propriedades sísmicas anômalas e variáveis. Hipoteticamente, ela é uma zona herdada da época da aglutinação da Terra, podendo ser apresentada também como zona de acúmulo de bolsões de material gerados no passado profundo e atualmente em via de reciclagem no interior da Terra. “Estudos sísmicos recentes demonstram que essa zona tem superfícies superior e inferior irregulares e que as partes mais espessas podem acumular-se em volumes que se assemelham aos dos continentes”¹⁸ — aqueles continentes da superfície, divididos em nações.

Núcleo da Terra: profundidade de 2.950km da superfície. Muito provavelmente é composto predominantemente de liga metálica de ferro e níquel, mesma composição de alguns meteoritos. É subdividido em externo e interno.

17 Id.

18 Id. p75

Núcleo externo: líquido que envolve o núcleo interno.

Núcleo interno: sólido, uma espécie de “caroço central”. É possível que o núcleo interno esteja crescendo lentamente pela solidificação do núcleo externo. “Estudos recentes sugerem que o núcleo comporta-se como uma estrutura cristalina gigante”¹⁹ — A estrutura cristalina gigante seria o Quarto de Quartzo de Yebá Buró? Sendo o geodo ancestral uma metonímia da origem do mundo?

Paradoxo: “O núcleo interno gira com velocidade maior que a do restante do planeta, o que sugere que, numa época anterior, todo o planeta girava com mais rapidez. Por estar isolado mecanicamente do restante do planeta pelo núcleo externo líquido, o núcleo interno mantém sua velocidade peculiar”²⁰.

Máquina do Tempo da Terra: ir para as camadas interiores da Terra é ir para o passado, quando e onde o mundo gira mais rápido.

19 lbdí.

20 lbdí.

paralelos e meridianos

Relações mensuráveis entre geologia, tempo, deslocamento e coleta. Cartografia minuciosa de ações e pensamentos que extrapolam a documentação de viagens curtas, usando-se, ainda, da geometria do quartzo para desenhar coordenadas imaginárias em uma galeria. Um suposto interesse em aproximar a própria vida da ficção, em abrir “não-lugares”, incluindo aqueles que guardam “o segredo das rochas”. Nonsites como zona científica temporária: “Esta pequena teoria é provisória e pode ser abandonada a qualquer momento. Teorias, assim como coisas, também são abandonadas”¹ – Robert Smithson.

¹ Tradução nossa. Citação original publicada em “A Provisional Theory of Nonsites”, 1968: “This little theory is tentative and could be abandoned at any time. Theories like things are also abandoned.”



A NONSITE (FRANKLIN, NOVA JERSEY). ROBERT SMITHSON.
INSTALAÇÃO, 1968

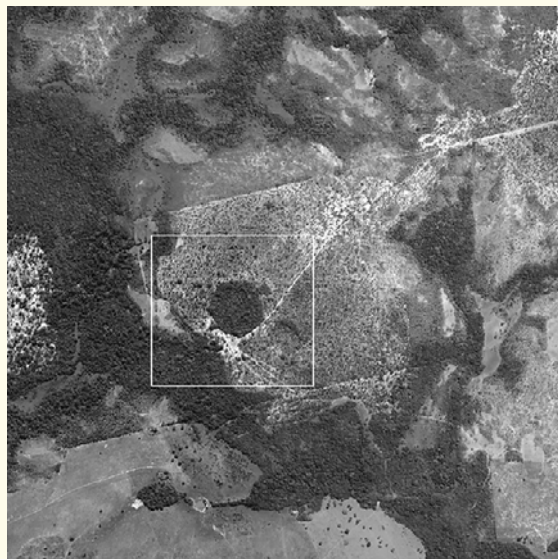
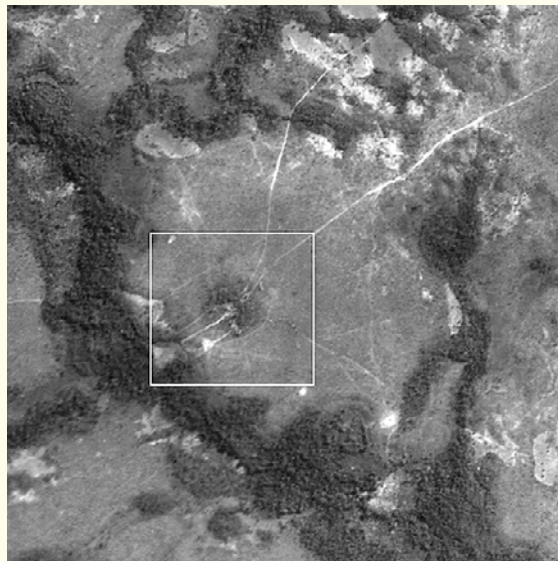
“Minha arte se baseia na crença de uma energia universal que permeia tudo: do inseto ao homem, do homem ao espectro, do espectro à planta, da planta à galáxia. Minhas obras são as veias de irrigação desse fluido universal. Por elas ascendem a seiva ancestral, as crenças originárias, as acumulações primordiais, os pensamentos inconscientes que animam o mundo”² – Ana Mendieta.

2 Tradução nossa. Citação original publicada em “A Selection of Statements and Notes,” 1988: “My art is grounded in the belief of one universal energy which runs through everything: from insect to man, from man to spectre, from spectre to plant from plant to galaxy. My works are the irrigation veins of this universal fluid. Through them ascend the ancestral sap, the original beliefs, the primordial accumulations, the unconscious thoughts that animate the world”.



IMÁGEN DE YÁGUL, DA SÉRIE SILUETA. ANA MENDIETA. 1973.
FOTOGRAFIA TIRADA EM UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO ZAPOTECA
SITUADO EM OAXACA, MÉXICO.

Arqueologia do povo Marãiwatsédé, etnia Xavante do Mato Grosso. Uma floresta ocupa a zona circular da antiga aldeia Aldeia Bô'u, "Aldeia-mãe" – Memórias da Terra. Latitude 11°58'31.73", longitude 51°18'42.55".



TREES, VINES, PALMS AND OTHER ARCHITECTURAL MONUMENTS.
PAULO TAVARES, EM PARCERIA COMA A ASSOCIAÇÃO BÔ'U
XAVANTE. PROJETO DE PESQUISA E INSTALAÇÃO MULTIMÍDIA.
2013-PRESENTE.

**“ Não é Cuvier o maior poeta do nosso século?
Lorde Byron reproduziu bem, em palavras, algumas
agitações morais; mas nosso imortal naturalista
reconstruiu mundos com ossos esbranquiçados,
reconstruiu, como Cadmo, cidades a partir de
dentes, repovoou milhares de florestas e os
mistérios da zoologia com alguns fragmentos
de hulha, redescobriu populações de gigantes
nos pés de um mamute. Essas figuras erguem-**

se, crescem e povoam regiões, em harmonia com suas estaturas colossais. Ele é poeta com números, ele é sublime ao pôr um zero ao lado de um sete. Dá vida ao nada sem pronunciar palavras artificialmente mágicas, escava uma pedra de gesso, percebe ali uma marca, e nos diz: “Vejam!” De repente, os mármore se animalizam, a morte se vivifica, o mundo se desenrola! Após inumeráveis dinastias de criaturas gigantescas, após raças de peixes e clãs de moluscos, chega enfim o gênero humano, produto degenerado de modelo grandioso, destruído talvez pelo Criador. Animados por seu olhar retrospectivo, esses homens fracos, há pouco nascidos, podem transpor o caos, entoar um hino sem fim e configurar o passado do universo numa espécie de Apocalipse retrógrado. Diante dessa assustadora ressurreição devida à voz de um único homem, a migalha cujo usufruto nos é concedido nesse infinito sem nome, comum a todas as esferas e que chamamos O Tempo, esse minuto de vida nos causa dó. Perguntamo-nos, esmagados sob tantos universos em ruínas, para que servem nossas glórias, nossos ódios, nossos amores, e se vale a pena viver para tornarmo-nos um ponto intangível no futuro.

